

**A INDISCIPLINA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**LILIANNE BLAUTH BAÚ**

**A INDISCIPLINA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**LILIANNE BLAUTH BAÚ**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Instituição Educacional e Formação do Educador.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz

379  
B337d

Baú, Blauth Lilianne

A indisciplina e o processo de ensino aprendizagem: um estudo no ensino fundamental / Lilianne Blauth Baú. – Presidente Prudente, 2011.  
77. f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP, 2011.

Bibliografia.

Orientador: Adriano Rodrigues Ruiz

1. Indisciplina. 2. Prática pedagógica. 3. Desempenho escolar. I. Título.

**LILIANNE BLAUTH BAÚ**

**A INDISCIPLINA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: UM ESTUDO  
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 17 de fevereiro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz  
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE  
Presidente Prudente - SP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tereza de Jesus Ferreira Scheide  
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE  
Presidente Prudente - SP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Suzana de Stefano Menin  
Universidade Estadual Paulista - UNESP  
Presidente Prudente - SP

## AGRADECIMENTO

Esse período foi um tempo de pesquisa, leituras orientadas, observações do trabalho pedagógico desenvolvido por colegas educadores, bem como a observação dos alunos no cotidiano escolar, sua relação com seus mestres e dos documentos escolares contendo registros das ocorrências. Período marcado também por dúvidas, incertezas e aprendizado. Chegando, após discussão, à sistematização das principais ideias e conclusões acerca da indisciplina escolar e sua relação com a ação docente.

Durante esse tempo, várias pessoas contribuíram significativamente para a construção deste trabalho. Muitas delas fazendo observações que abriam novas perspectivas e que permitiam também retificações de algumas conclusões. Outras, com seu incentivo, motivaram-me para o desenvolvimento de todas as fases do trabalho. A elas quero deixar meu agradecimento especial.

À minha família: Almir (meu esposo), Ihara e Ian (meus filhos) por compreenderem que precisavam se privar da minha presença e entenderem os momentos de estudo e dedicação.

Aos meus pais, pela orientação de toda a vida. Obrigada pelos momentos de apoio e paciência.

Aos meus mestres que contribuíram para minha formação, desde o ensino fundamental... Em especial ao Professor Doutor Adriano Rodrigues Ruiz, meu orientador, que coordenou esse trabalho com determinação e que com seu conhecimento mostrou-me o caminho que deveria ser seguido.

Aos professores que compuseram a banca de avaliação da minha dissertação, Professora Suzana e Professora Tereza que fizeram considerações importantes para a finalização deste trabalho.

Aos professores, funcionários e alunos do Colégio Estadual Monteiro Lobato, onde realizei a pesquisa, pelo carinho com que me atenderam durante a coleta de dados, dando-me informações e subsídios para fundamentar meu trabalho.

Aos amigos e demais familiares que sempre me incentivaram para a conclusão desta pesquisa.

A Deus pela inspiração e os ensinamentos.

*“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade”.*

Paulo Freire

## RESUMO

### **A Indisciplina e o Processo de Ensino Aprendizagem: um estudo no ensino fundamental**

Esta dissertação é resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação, linha de pesquisa 2 – Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente, da Universidade do Oeste Paulista. Estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente, sob o olhar dos professores, foi o objetivo geral desta pesquisa. Desse modo, foram estudados os mecanismos disciplinares presentes na escola, bem como os fatores que interferem no cotidiano escolar e sua relação com a prática docente. Trata-se de uma pesquisa de cunho empírico que buscou indicativos de respostas a questões relacionadas à indisciplina escolar. A coleta de dados deu-se no Colégio Estadual Monteiro Lobato-EFM, localizado no município de Céu Azul, Estado do Paraná. Atividades de observação em sala de aula, pesquisa documental e verificação dos resultados e relatórios do Conselho de Classe, permitiram a discussão acerca do reflexo da desorganização das classes no processo de ensino aprendizagem. Os resultados indicaram que a falta de disciplina durante a realização do trabalho pedagógico, a falta de responsabilidade com os afazeres escolares, o desinteresse pelo conteúdo ensinado na sala de aula, a dificuldade no andamento pedagógico das aulas proposto pelo professor, bem como a estrutura dos currículos escolares e a postura do docente em sala de aula refletem no desempenho acadêmico dos estudantes, levando-os a não atingir os requisitos mínimos para a sua progressão escolar.

Palavras-chave: Indisciplina. Prática pedagógica. Desempenho escolar.

## **ABSTRACT**

### **Indiscipline and the Teaching-Learning Process: A study in elementary school**

This dissertation is the result of a research developed in the Master Education Program, second line of research. Development and Instruction Practice of Educational Trainers, by "Oeste Paulista" University. Studying the phenomenon of indiscipline in the classroom and its relationship with teacher's activities, submitted to teachers' point of view, was the general objective of this research. Therefore, we studied the current disciplinary mechanisms found at school, as well as factors that get in the way with everyday school life and its relationship up to teaching practice. This means a research with an investigational stamp, searching for footprints to answers to the questions associated to school discipline. Data collection had place at Monteiro Lobato Public School – Elementary and High School, in Blue Sky (Céu Azul) Town, Paraná State. Activities of classroom observation, files' research and results verification, and Class Counsel Reports, allowed the discussion about the reflections on Classes' trouble-shooting related to the teaching-learning process. The results showed that the lack of discipline during educational work performing, the lack of responsibility with school affairs, the unconcern to the content taught in classroom, difficulty in enduring didactic classes presented by the teacher, and so the structure of scholar program of study and the attitude of teachers in the classroom reflect onto the academic performance of students, causing them to not achieve the minimum requirements for their school progression.

Keywords: Indiscipline. Pedagogical practice. School performance.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 PREOCUPAÇÕES COM AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO ESCOLAR .....	13
2.1 O Professor e a Indisciplina Escolar .....	17
2.2 O Aluno e a Indisciplina Escolar .....	22
2.3 A Família e a Indisciplina Escolar .....	25
2.4 A Escola e a Indisciplina Escolar .....	27
3 PERCURSO METODOLÓGICO .....	31
3.1 Objetivos .....	31
3.1.1 Objetivo geral .....	31
3.1.2 Objetivos específicos .....	31
3.2 Metodologia .....	32
3.3 Caracterização do Local da Pesquisa .....	32
3.4 Sujeitos da Pesquisa .....	33
3.5 Procedimentos de Coleta de Dados .....	33
3.5.1 Procedimentos preliminares .....	33
3.5.2 Coleta de dados documentais .....	34
3.5.3 Coleta de dados mediante observação .....	34
3.6 Procedimentos de Análise .....	34
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS .....	36
4.1 Falta de Responsabilidade com os Afazeres Escolares .....	36
4.2 As Dificuldades no Andamento Pedagógico das Aulas .....	40
4.3 Desinteresse do Aluno pelo Conteúdo Ensinado na Sala de Aula .....	47
4.4 O Reflexo da Indisciplina no Desempenho Acadêmico dos Estudantes .....	49
4.5 A Indisciplina, os Currículos e a Ação Docente .....	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	62
REFERÊNCIAS .....	67
APÊNDICES .....	70
ANEXOS .....	74

## 1 INTRODUÇÃO

As questões relativas à indisciplina escolar intrigavam-me com frequência. A ânsia por compreender as concepções presentes na relação de professores e alunos, pais e filhos, equipe pedagógica, direção e professores chamavam a minha atenção, pois identificar as inter-relações presentes no cotidiano escolar daria suporte à intervenção pretendida por mim e também pelo corpo docente dos estabelecimentos de ensino pelos quais passei no decorrer da minha carreira profissional.

Ao assumir aulas no Colégio Estadual Monteiro Lobato – Ensino Fundamental e Médio – observei que a indisciplina escolar interferia diretamente no processo de ensino aprendizagem da escola, muitas vezes inviabilizando a prática educacional, tornando-se um dos maiores obstáculos pedagógicos. Perguntas a respeito do tema ficavam latentes: Como agir frente a este problema? Reprendendo? Punindo? Orientando? Quais as alternativas mais viáveis para o enfrentamento? Por onde começar?

Percebia-se, em salas de aula, além de vozes incessantes, alunos que se mexiam em suas carteiras, andavam de um lado para outro, se agrediam verbalmente e em voz alta, mastigavam constantemente, ficavam em pé o tempo todo, gesticulavam sem limites, entre outras ações que acabavam desorganizando o trabalho do professor.

Esta realidade pode ser ainda observada. Questões como a agressividade, alunos que contestam e rejeitam por completo o trabalho do professor, demonstrando total desinteresse pelo curso ou pelos conteúdos. Nessas circunstâncias, o professor sente-se humilhado, angustiado e desrespeitado no exercício de sua função.

No enfrentamento à temática da indisciplina, dentro das instituições escolares, existem normas no regimento interno, que em muitos casos, são infringidas, atacando as boas maneiras, a civilidade, ou seja, nem sempre é respeitada a regulamentação que procura assegurar condições de se ter um ambiente favorável a uma boa convivência social.

O ambiente escolar precisa se pautar no respeito às diferenças, como espaço de discussões e de acordos respeitosos aos regimentos e regulamentos.

Algumas normas precisam de redefinições, outras de divulgação para serem interiorizadas e colocadas em prática. É importante a compreensão de que a disciplina consiste na postura respeitosa a um conjunto de regras que possibilita a realização de diferentes atividades relacionadas à aprendizagem e à construção do conhecimento formal. A disciplina autoriza, facilita, possibilita, permite entrar na cultura da responsabilidade, compreender que as ações têm consequências. Ser disciplinado não é obedecer cegamente, mas sim colocar, a si mesmo, regras de conduta em função de valores e objetivos que se quer alcançar (PARRAT-DAYAN, 2008).

A indisciplina escolar, muitas vezes, é confundida com violência. Nesse caso, é necessário identificar onde termina a indisciplina e começa a violência, para possíveis intervenções. De maneira geral, o que se espera, hoje, da disciplina escolar não é a mesma postura que se exigia nas escolas em décadas passadas.

A escola é espaço de socialização das crianças e dos adolescentes e contribui para a construção da identidade. Levando-se em consideração que a adolescência é um período em que a pessoa necessita ser reconhecida pelos outros, logo, busca um grupo de referência e, em algumas circunstâncias, acaba por se afastar das influências familiares. E o grupo assume papel fundamental na vida do jovem e é importante fonte na construção da identidade social, carregando significados emocionais e valorativos (SENOS; DINIZ, 1998).

Por este prisma, percebe-se a indisciplina como a dificuldade do aluno em ser reconhecido. Em outros momentos, é retrato de problemas familiares ou ainda da falta de atendimento das necessidades básicas.

O processo educacional é complexo e sutil, sendo marcado por contradições, por vivências coletivas e contínuas de formação permanente de cada indivíduo, ocorre nas relações entre os indivíduos. Cabe à escola trabalhar as possibilidades de reflexão, diálogo e participação, valorizando o sentimento de cada educando sentir-se parte do grupo e da instituição.

O problema da indisciplina também instiga o professor a questionamentos. Como pode existir uma desorganização geral? Por que não se respeita mais a imagem do professor? De que maneira o professor pode interferir nessa realidade tão difícil? Existe um mal-estar na escola, essa situação pode decorrer de o processo educativo estar sendo conduzido de forma não apropriada, desse modo, a própria identidade do professor chega a ser questionada. Como superar as dificuldades que, muitas vezes, se instauram? O professor sente-se

cobrado pelos pais, pela escola, pelos colegas e há situações em que é desqualificado no exercício de sua função. Muitos educadores, em alguns momentos, parecem não acreditar na educação como meio de formação para a cidadania, para a integração social e para o respeito à diversidade.

A escola, com frequência, pouco cobra dos seus alunos; a família, em muitas circunstâncias, não apoia as tomadas de decisão escolares; não existem sanções que punam atitudes inadequadas no cotidiano escolar, em consequência, percebe-se, em alguns momentos, a perda de sentido do que é ensinado.

No contexto apresentado, estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente, sob o olhar dos professores, foi o objetivo geral desta pesquisa, que também estudou os mecanismos disciplinares presentes na escola, bem como os fatores que interferem no cotidiano escolar e sua relação com a prática docente.

Como metodologia, recorreu-se à pesquisa de natureza qualitativa, com ênfase em trabalho empírico. Para viabilizar a pesquisa, foram levantados dados por meio da observação de duas salas de 7ª série do ensino fundamental, de uma escola pública, com o propósito de identificar possíveis condutas indisciplinadas dos alunos e dos professores. Também foram analisados documentos da escola, como a ficha individual dos alunos, o relatório do conselho de classe trimestral apresentado pelos professores, equipe pedagógica e diretiva da escola.

Em sua estrutura, esta dissertação apresenta, primeiramente, no capítulo 2, os fundamentos teóricos que nortearam a investigação. O caminho metodológico encontra-se no capítulo 3, por meio do qual se explicita o delineamento da pesquisa. No capítulo 4, encontram-se os resultados e as respectivas análises e discussões. Concluindo, apresenta-se uma leitura dos resultados, tecendo considerações sobre a indisciplina no ambiente escolar e os possíveis significados da pesquisa.

## 2 PREOCUPAÇÕES COM AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Neste segmento da dissertação, as atenções estarão centradas em autores que discutem a indisciplina e as relações interpessoais na escola. Desse modo, propõe-se uma retomada dos principais conceitos de disciplina e uma busca por pesquisas e trabalhos que apontem causas da indisciplina no âmbito escolar.

Será resgatada a importância das instituições familiares e das instituições de ensino como responsáveis pela socialização primária e secundária e seus desdobramentos, bem como, a importância do papel do professor na democratização do ensino. Buscar-se-á concentrar a discussão na prática pedagógica do professor visando promover a educação de qualidade que possibilite a emancipação do educando.

Quando se pensa em instituição escolar, não se consegue fazê-lo sem suscitar ou enfocar a questão da indisciplina, tema que gera dúvidas em professores, diretores, pais e, até mesmo, em alunos.

No ambiente escolar, as principais queixas dos professores relativas à indisciplina têm sido: a falta de limites dos alunos, a má conduta, o desinteresse e desrespeito às figuras de autoridade da Escola e, também, ao patrimônio. Há aqueles que afirmam ser a indisciplina um dos fatores que mais interferem no processo de ensino aprendizagem, transformando-se em obstáculo ao trabalho pedagógico do professor.

Segundo Rego (1996, p. 84), “[...] o conceito de indisciplina não é estático, uniforme, nem universal. Está relacionado ao conjunto de valores e expectativas que variam no decorrer da história”.

Vive-se uma realidade em que os professores devem estar preocupados com seu aperfeiçoamento, com sua qualificação, e também com sua formação, permitindo que seus alunos questionem, tirem dúvidas, se posicionem. Observa-se, nesse contexto, que os professores considerados eficientes, em geral, são os que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que percebem o aluno com condições e potencialidades, cercado de influências políticas, sociais, econômicas e culturais.

Durante os anos de experiência educacional, foi possível verificar que alguns professores se mostram preocupados quanto à sua formação e prática

profissional, enquanto uma quantidade expressiva ainda resiste à reflexão e ao aperfeiçoamento do seu trabalho por se considerar experiente e pronta para o exercício do magistério.

Para atingir a excelência no ensino, o papel do professor, dentro da escola, é muito mais do que estabelecer critérios de moral e inserir o conceito de ética. Ele precisa estar atento às capacidades cognitivas, físicas e afetivas dos alunos para exercer a cidadania ativa pensante.

A afetividade na relação professor/aluno também precisa ser um ponto relevante neste contexto, pois saber ouvi-los, dialogar, mostrar interesse e preocupação com suas opiniões e atitudes, está intrinsecamente ligado ao compromisso do educador ao desenvolver a disciplina e a responsabilidade de seus alunos.

Como salienta Piaget (1994), o respeito constrói o sentimento fundamental que possibilita a aquisição das noções morais. Consegue-se atingir a responsabilidade e a disciplina, desenvolvendo a cooperação, a solidariedade, o comprometimento com o grupo, criando contratos e regras claras e que precisarão ser cumpridas com justiça.

A educação encontra-se em crise no contexto atual. Mas, como apontam os educadores Savater (1998) e Tedesco (1995), já não é a mesma crise de antes, ou seja, não se pode analisar apenas o fracasso escolar de alunos ou o fato de a escola não cumprir as demandas impostas pela sociedade, mas sim a imprecisão ou a contradição dessas demandas.

A sociedade se encontra frente a um processo de transformação social, econômica e política. As principais áreas em que ocorrem processos importantes de transformação nesta sociedade são: o modo de produção, as tecnologias da comunicação e a democracia política. E a rapidez das transformações tecnológicas, assim como a globalização, a competição pela conquista dos mercados, estão modificando os padrões de produção e o mundo do trabalho.

As mudanças nas tecnologias de comunicação alteram a estrutura dos interesses, mudam o caráter dos símbolos e modificam a natureza da comunidade. As discussões sobre as formas de participação cidadã do futuro estão em primeiro plano. As identidades políticas tradicionais perdem solidez. Diluem-se as fronteiras. Os espaços onde se exerce a cidadania tendem a ampliar-se, ou seja, não existindo fronteiras ou reduzindo-se ao âmbito local. (TEDESCO, 1995, p. 19-20).

Percebe-se, na argumentação de grande número de educadores, que o conhecimento é importante para a explicação das novas formas de organização social e econômica. Com isso, a educação assume importância histórica inédita, do ponto de vista político-social e do ponto de vista da valorização dos conteúdos.

Pensando no processo de mudanças sociais, deve-se, como afirma Tedesco (1995), reformular questões básicas: Quem assume a responsabilidade de formar as novas gerações? Qual o legado cultural, valores, concepção de homem, de sociedade deve ser transmitido? Faz-se necessária a volta da reflexão filosófica, que traga sentido às nossas ações, que considere o quadro global, bem como a discussão dos fins da educação, devendo levar em consideração as suas expressões operacionais para que tenham fundamentação teórica.

Conforme Tedesco (1995, p. 30), “[...] na perspectiva atual, percebe-se que as instituições educativas tradicionais, particularmente a família e a escola, estão perdendo a capacidade de transmitir valores e normas culturais de coesão social”.

Existe um desconforto no atual cotidiano escolar, desencadeado por diversos fatores – falta de sintonia, contradição, estresse, sensação de tempo perdido, tensão, baixa autoestima –, os quais produzem um ambiente pouco agradável nas salas de aula. Nesse cenário, a frustração, o desalento e o desejo de abandonar a profissão tomam conta de muitos professores.

Deparar-se, em sala de aula, com alunos motivados, interessados, participativos, que demonstrem curiosidade pela aula do professor, pelos conteúdos cientificamente produzidos, tem sido cada vez mais raro. É consenso entre os professores que se não há disciplina, não existe possibilidade de se realizar um trabalho pedagógico eficiente. Todavia, existe divergência entre os professores, sobre a concepção de disciplina. E para que se possa discutir a concepção de disciplina, é necessário refletir sobre a disciplina de que se está tratando.

*O Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 1986, p. 595), define disciplina como:

- 1.Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2.Ordem que contém o funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc.).
- 3.Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor.
- 4.Observância de preceitos ou normas. Submissão a um regulamento.
- 6.Qualquer ramo do conhecimento (artístico, científico, histórico, etc.) 7. Ensino, instrução, educação. 8.Conjunto de conhecimento em cada cadeira dum estabelecimento de ensino; matéria de ensino.

Disciplinado, então, é quem se sujeita ou se submete à disciplina. Quem obedece, cede, aceita, ou seja, quem não impõe resistência ao que está sendo proposto, regimentado. Esta concepção de disciplina é defendida por alguns educadores que acreditam que a submissão, a obediência, a subserviência, a falta de resistência, são requisitos que os educandos precisam apresentar para ter sucesso escolar.

A disciplina também pode ser conceituada e analisada de outra forma, em que o processo educativo deve preservar a liberdade da criança. Mas cabe lembrar que a criança tende a recusar todas as tarefas que exijam esforço, querendo fazer apenas o que considera mais fácil e lhe dê prazer. Segundo Dallari e Korczak (1986, p. 50), “[...] nessa perspectiva, a função do professor é incentivar a criança a persistir, buscando meios para motivá-la a desenvolver as tarefas necessárias à sua aprendizagem e ao seu desenvolvimento intelectual”.

A esse respeito, Dallari e Korczak (1986, p. 60) consideram, também, que:

Preservar a dignidade na obediência, fazer sentir que uma ordem ou exigência não é expressão da raiva, do desejo de vingança ou de prepotência de um adulto: esse é o modo de exercer a autoridade sobre a criança, respeitando-a como pessoa. Assim se equilibra a necessidade de ordem com liberdade, o exercício da autoridade com a preservação da dignidade de quem obedece. Assim a criança convive na disciplina que lhe é útil ou necessária, crescendo como pessoa livre no pleno exercício de seu direito de viver.

No contexto escolar, observa-se a superficialidade da discussão do tema indisciplina: discursos marcados por preconceitos e mitos de senso comum, apresentam uma visão limitada e restrita desse comportamento, eximindo a escola de qualquer responsabilidade sobre o problema. Por parte dos professores, é demonstrada a ausência de clareza sobre os pressupostos teóricos relacionados à função da escola e à visão que têm de sua ação pedagógica.

O aluno está inserido em um ambiente familiar e a família, em muitos casos, apresenta uma estrutura diferente daquela tradicionalmente conhecida. Há algumas crianças e adolescentes que são cuidados pelos avós, por tios, ou outros membros da família, e até mesmo por instituições-abrigo.

Nesta perspectiva, a escola e a família precisam estar interligadas, buscando alternativas para superação das dificuldades que se apresentam no cotidiano da escola. Há casos de irresponsabilidade por parte dos alunos, que deixam de realizar atividades extracurriculares, não estudam para as avaliações e não fazem

tarefas básicas que interferem diretamente no rendimento escolar. Talvez, por não serem assistidos pelos pais biológicos, estes alunos sejam menos cobrados pelos seus responsáveis, ou ainda, não seja dada atenção necessária a eles.

A escola, em decorrência das transformações do perfil de sua clientela, é incapaz de gerir e administrar novas formas concretas de existência social que surgem em seu interior. E a indisciplina apresenta-se como um sintoma dessa incapacidade.

Na análise dos principais elementos que compõem a indisciplina escolar, percebe-se que os problemas podem ter origem no professor, no aluno, na família, ou ainda no próprio sistema educativo. Levando-se em consideração essas premissas, abordar-se-á, a seguir, sobre cada um dos envolvidos no processo educacional das escolas.

## 2.1 O Professor e a Indisciplina Escolar

*A profissão de professor é a tarefa mais sujeita a quebras psicológicas, a depressão, a cansaço desalentado, acompanhado pela sensação de sofrer abandono numa sociedade exigente, mas desorientada.*

Savater (1998, p. 25).

A complexidade da discussão sobre o tema indisciplina torna-se ainda mais delicada quando esta indisciplina é provocada pelo próprio professor. A avaliação de suas causas e porquês requer reflexão efetiva. Entretanto, é impróprio criticar o profissional da educação apontando-lhe suas falhas, mas ele deve ser alertado sobre o significado socializador da ação docente.

Percebe-se que o ensino básico não é prioritário. Esta realidade é constatada observando-se os investimentos, os recursos e o centro do interesse público, que se encontram nos níveis finais da formação.

Cria-se um círculo vicioso, que leva à pouca valorização da tarefa dos professores, à baixa remuneração, seu desprestígio social e os docentes mais capacitados evadem-se para o ensino superior, reforçando os preconceitos existentes. (SAVATER, 1998, p. 14).

Conforme Savater (1998, p. 13), “[...] a empreitada assumida pelos docentes é grande, e a remuneração não condiz com essa responsabilidade. Na opinião de muitos, só é professor primário quem não é capaz de maiores desígnios”.

O professor tem condições de ocasionar as mudanças, para isso precisa encarar seu papel transformador, estar em constante formação, pois a preparação do professor exige dedicação e sua instrução nunca está completa. O ato de ensinar não pode ser encarado como transposição do conhecimento do plano científico para o escolar, por isso, o professor precisa ter preocupação permanente com a sua formação. O professor necessita não só conhecer a matéria que ensina, mas também compreender como esse conhecimento foi construído historicamente.

Existe necessidade constante de se investir na pessoa do professor, possibilitando que se aproprie dos saberes e os trabalhe sob o ponto de vista teórico e conceitual. Cabe ao professor assumir o papel de produtor de conhecimento e não o de mero transmissor de informações.

Ao ensinar, o professor não pode perder a espontaneidade, precisa despertar a vontade de aprender nas crianças. O professor só consegue despertar esse desejo no educando, se essa espontaneidade e a sede pelo conhecimento estiverem vivas dentro dele. Precisa aderir a princípios e valores e crer que todos os alunos podem ter sucesso na escola, como salienta Savater (1998).

O professor constrói sua identidade profissional com ideias educativas próprias, adota métodos e práticas que se adaptam melhor à sua maneira de ser, escolhe estilos pessoais de reflexão sobre a ação. Mistura vontade, gostos, rotinas, comportamentos com que se identifica. Cada educador tem uma maneira própria de organizar suas aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar meios pedagógicos (CASTANHEIRA; REHBERG, 2001).

Nunca foi tão evidente a importância do papel do professor como agente de transformação. A ele cabe formar o caráter e o espírito das novas gerações. Para ser eficaz, terá que recorrer a competências pedagógicas diversas e a qualidades humanas, como a autoridade, a empatia, a paciência e a humildade.

A homogeneização e a disciplina em sala de aula têm sido idealizadas e buscadas pelos professores. Alguns dizem que os alunos não aprendem porque são indisciplinados, então, neste caso, o aluno é o responsável por não aprender. O fracasso escolar é encarado por alguns professores como resultado de problemas

que estão fora do âmbito escolar, sendo manifestados dentro da escola por meio da indisciplina, e que não há nada a ser feito se a sociedade não mudar.

A formação inicial incompleta e ineficaz contribui para as visões de senso comum dentro do cotidiano escolar, pois muitos professores não pensam criticamente sobre a função que desempenham como educadores, colaborando com a continuidade da sociedade e da educação excludentes. A falta do conhecimento epistemológico, da prática profissional que o educador desenvolve, não permite uma leitura menos limitada do problema disciplinar (PIROLA; FERREIRA, 2008).

Pensar a indisciplina na escola não é possível sem pensar na própria maneira de atuar do professor, nas suas dificuldades para trabalhar com essa problemática, levando-se em consideração a falta de formação inicial e continuada adequada. É necessário pensar a formação continuada, numa concepção reflexiva crítica sobre as práticas e (re)construção permanente de uma identidade pessoal e profissional em interação mútua (PIROLA; FERREIRA, 2008).

Considerando-se a complexidade da ação educativa, podem emergir possibilidades de constituição e transformação da prática docente. Desta forma, o professor deve ser um pesquisador do seu próprio trabalho, buscando alternativas, metas e objetivos junto com seus alunos. Assim, reflete-se sobre a prática, problematizando-a.

A falta de planejamento das atividades a serem desenvolvidas, em que o professor se limita a ser piloto de livro texto, pedindo que os alunos abram o livro e estudem individualmente em suas carteiras, acaba desmotivando a sala de aula. Esta atitude revela falta de compromisso por parte do professor. Segundo Vasconcellos (2001b), o ato pedagógico é o momento de emergir das falas, do movimento, da rebeldia, da ânsia de descobrir e construir juntos. Há professores que não compreendem que sua intervenção pedagógica deve ocorrer oportunizando ao aluno a construção do conhecimento, a formação de sujeitos autônomos que busquem a transformação social.

A ineficiência pedagógica do professor, a excessiva centralização em si mesmo, sendo ele o único detentor do saber, sem nenhum interesse na autonomia, provoca falta de interesse nos educandos (CASTANHEIRA; REHBURG, 2001).

Paulo Freire (1987), em seu livro *Pedagogia do oprimido*, discorre sobre a concepção bancária de educação:

Em lugar de comunicar-se o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferecem aos educandos é a de receberem depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 1987, p. 33).

Sendo esse também um dos problemas que ocorrem em sala de aula, o aluno é deixado à margem do processo e as práticas pedagógicas são obsoletas, não dando conta de criar um contexto para o aprender com significado. “Nesta visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p. 33).

Faz-se necessária, em muitas classes, a superação da concepção bancária de educação, domesticadora, que leva o aluno apenas à memorização dos conteúdos transmitidos, prejudicando o desenvolvimento da criatividade e de seu amplo envolvimento no processo educativo. O aluno precisa entender que a construção do conhecimento busca a transformação e a superação das dificuldades sociais. A educação bancária é uma prática antidialógica, pois não possibilita aos envolvidos ação-reflexão-ação (práxis) sobre a sua realidade.

Há professores que não acreditam que uma prática docente inadequada possa interferir no comportamento do aluno e que eles mesmos podem contribuir para a melhoria do ensino e colaborar para a superação da indisciplina a partir de mudanças da prática pedagógica.

Segundo Vasconcellos (2001b), o professor precisa estar atento aos interesses do aluno, que valores o impulsionam, transformando a sala num local prazeroso para ambos – docentes e discentes –, buscando, desta forma, a preservação da autoestima profissional.

Para a mesma autora, tanto o docente quanto o discente não devem ignorar a motivação no processo de ensino aprendizagem, considerando-a como o principal fundamento, sendo condição essencial, para que ambos atinjam seus objetivos plenamente.

É fundamental para o educador, desenvolver junto a seus alunos, valores e atitudes positivas em relação ao estudo, afirmando que os resultados podem ser modificados e controlados, ou seja, que para atingir bons resultados é necessário, por parte dos educandos, empenho e dedicação em seus afazeres escolares (TAPIA; FITA apud ECHELI, 2008).

O professor é o gestor das atividades programadas e desenvolvidas no espaço da educação formal e essa função não pode ser negligenciada, então, se faz necessário o comprometimento efetivo do educador para atingir o que foi proposto. Nesse sentido, espera-se o domínio das possíveis situações que se apresentarem em sala (VASCONCELLOS, 2001b).

A motivação dos alunos é fundamental para a efetivação do processo de ensino aprendizagem, a forma como os professores organizam as atividades de aula pode provocar diferentes reações na turma ou em grupos, desde apatia, até interesse excessivo pela atividade proposta. O planejamento de atividades que busquem a atenção aos conteúdos apresentados pelo professor é imprescindível ao bom desenvolvimento do processo pedagógico e, em consequência, da boa organização do espaço escolar (ECCHELI, 2008).

Os grupos cooperativos são exemplos de estratégia que produzem melhores efeitos sobre a motivação, facilitando o interesse dos alunos e possibilitando êxito nas tarefas realizadas (ECCHELI, 2008).

Neste cenário torna-se fundamental que os educadores tomem consciência de que tipo de aluno querem formar e que reflitam acerca da visão que têm da sua ação pedagógica. Os professores precisam estabelecer relações entre suas concepções e práticas a respeito dos comportamentos de indisciplina em sala de aula. Há situações em que a problemática da indisciplina escolar decorre diretamente da prática pedagógica, incluindo o trabalho com os conteúdos, os procedimentos de ensino e a relação professor-aluno.

Há também os professores que sofrem com o desestímulo relativo à carreira, o cansaço, a vontade de desistir, por não encontrarem mecanismos para conter a desordem que se apresenta. A busca por soluções deve ser constante, pois sem otimismo, sem um olhar positivo com relação à prática, não se vislumbram perspectivas de encontrar mecanismos para a superação da realidade vivida.

Nessa perspectiva, destaca-se o posicionamento de Savater, em seu livro *O valor de educar*, de 1998:

Aos educadores, porém não resta outro remédio senão serem otimistas, infelizmente! É que o ensino pressupõe o otimismo, tal como a natação exige um meio líquido para ser exercida. Quem não quer se molhar, que abandone a natação; quem sente repugnância diante do otimismo, que deixe o ensino e que não pretenda pensar em que consiste a educação. Pois educar é crer na perfectibilidade humana, na capacidade inata de

aprender e no desejo de saber que a alma, em que há coisas (símbolos, técnicas, valores, memórias, fatos...) que podem ser sabidas e que merecem sê-lo, em que nós, homens, podemos melhorar uns aos outros por meio do conhecimento. De todas essas crenças otimistas, podemos privadamente, mas, enquanto pretendemos educar ou entender em que consiste a educação, não há outro remédio senão aceitá-las. Com verdadeiro pessimismo pode-se escrever contra a educação, mas o otimismo é imprescindível para estudá-la... e para exercê-la. Os pessimistas podem ser bons domadores, mas não bons professores. (SAVATER, 1998, p. 24).

Isto mostra que os professores necessitam de otimismo, mesmo em situações difíceis, pois se o professor não acreditar que é possível, não acreditar que ele pode ser o responsável pelas transformações necessárias, não acontecerão os avanços que fazem a diferença no cotidiano escolar. Cabe lembrar, que ele não é o único responsável pelas ações que vêm ao encontro das necessidades atuais, mas exerce papel primordial, pois é ele quem tem o comando da classe, que conduz o trabalho pedagógico implementado pela escola.

## **2.2 O Aluno e a Indisciplina Escolar**

“O aluno não quer trabalhar”, “não tem vontade”, “não demonstra interesse pelo conteúdo que é apresentado”, “está sempre com o pensamento em qualquer outra coisa, menos na sala de aula”. Estas são queixas presentes no discurso do professor, seja na sala do cafezinho, seja nas reuniões pedagógicas, nos conselhos de classe, nos encontros formais de educadores.

Pode-se, então, afirmar que os alunos estão desmotivados para o ato de aprender, para assimilação de novos conteúdos? Se a resposta é afirmativa, por quê essa atitude?

É possível ponderar que a indisciplina escolar, em determinados contextos, está diretamente relacionada à falta de motivação dos alunos, partindo do princípio de que motivação leva em consideração o motivo que desencadeia uma ação, dando-lhe direção para alcançar um objetivo (WINTERSTEIN, 1992 apud ECCHELI, 2008).

Nessa perspectiva, as atitudes apáticas ou indisciplinadas em sala de aula podem estar relacionadas à necessidade do aluno em evitar a possibilidade de

fracassar, receber castigo ou desaprovação social, sendo uma forma de se proteger dos sentimentos de incapacidade, frustração e baixa-estima.

Woolfolk e Hoy (1990), citados por Eccheli (2008), sugerem que para motivar alunos acometidos por atitudes negativas é necessário eliminar as emoções negativas diante dos estudos, estabelecendo-se metas atingíveis aos educandos, deixando-se claro que em situações nas quais não se atingiu índices satisfatórios, este fato deu-se por falta de esforço e não por falta de capacidade. Protegendo-lhes a autoestima, trabalhando no sentido de encontrar o equilíbrio necessário para seu sucesso escolar.

Nas classes, percebe-se que alguns comportamentos dos alunos interferem diretamente nas relações com os colegas, com os professores, com o conteúdo e, principalmente, com o processo ensino aprendizagem: conversas paralelas, brigas, falta de respeito com professores e funcionários, brincadeiras, agressões por meio de palavrões, bordões, apelidos, guerra de bolas de papel, de giz, as piadinhas que provocam risos em momentos não oportunos. Estes comportamentos prejudicam o transcorrer normal das aulas.

A ausência de interesse no educando, a desmotivação e, sobretudo, a falta de possibilidade de acompanhar o desenvolvimento do raciocínio proposto pelo professor, principalmente em aulas de cálculo (Matemática, Física, Química), provocam comportamentos indesejados, que muitas vezes inviabilizam o processo pedagógico (ECHELLI, 2008).

A agressividade é outro problema que se apresenta no cotidiano escolar, demonstrada de forma clara, pode trazer à tona uma série de discussões sobre suas verdadeiras causas (ECHELLI, 2008)

A significação que os pais dão à escola, como veem os estudos do filho, afeta diretamente a relação do aluno com a escola, em algumas circunstâncias, amor e agressividade são transferidos aos professores (OITEIRAL; CEREZER, 2003).

A questão da indisciplina do aluno também está atrelada às interações sociais vividas e às relações humanas. A disciplina e a indisciplina representam as maneiras de ser de uma pessoa, desenvolvidas nas relações com as outras pessoas, trazendo marcas de certos padrões culturais. Isso é um traço inerente ao aluno, constituindo-se indisciplinado a partir das suas experiências concretas no grupo cultural ao qual pertence (PIROLA; FERREIRA, 2007).

A criança desenvolve-se integralmente trazendo consigo conteúdos internos, construídos no seio da família, com os amiguinhos da rua, da praça, ou seja, com as pessoas com as quais se relaciona, isso acontece de forma natural. Chegando à escola, existe o desafio de adequar-se a normas e regras, algumas que já trazia de casa, só que na escola acontecerá de forma coletiva. Neste momento as crianças deixam “o reino das mães”, mundo materno, nutridor, protetor e acolhedor, deixando ser o “filho da mamãe” passando a ser mais um. A escola muitas vezes para minimizar essa ruptura adota posturas maternas, integrando-os aos trabalhos coletivos.

[...]

Em alguns casos percebe-se agressividade nas atitudes da criança com os colegas, com os professores, com os funcionários, neste caso é possível afirmar que ele está respondendo a uma situação que remete aos conteúdos internos e muitas vezes isso não ocorre de forma consciente. (FIAMENGHI JR.; XIMENEZ FILHO, 2001, p. 31).

Ainda segundo Fiamenghi Jr. e Ximenez Filho (2001), a rebeldia, a necessidade de romper simbolicamente ou concretamente com normas e regras impostas pelos pais e/ou pela sociedade são atitudes presentes no cotidiano dos alunos. Criou-se, para os dias atuais, um neologismo, representando essa fase: são os “aborrecentes”, e a escola assume a maior carga. Há situações em que os pais repassam à escola a responsabilidade pela educação dos filhos. Não participam e omitem-se de suas funções, tornando-se ausentes. A indisciplina e a agressividade passam a ser formas da criança ou do adolescente de denunciar esse abandono (FIAMENGHI JR.; XIMENEZ FILHO, 2001).

A indisciplina escolar chega a se transformar em caso de polícia, muitos professores são agredidos, tanto física quanto moralmente, e algumas vezes são até ameaçados de morte por alunos envolvidos em drogas e outros pertencentes a gangues de rua.

A ausência de perspectivas de vida e de relações familiares consistentes e a promessa de possibilidades de ascensão e dinheiro rápido transformam o jovem em conflito com sua identidade, em presa fácil para os grupos ligados ao tráfico.

Algumas escolas têm entre seus alunos usuários de álcool ou de drogas, que potencializam a indisciplina e a agressividade. (FIAMENGHI JR.; XIMENEZ FILHO, 2001, p. 33).

Fazendo-se referência a uma linguagem simbólica, os alunos representam verdadeiras locomotivas, demonstrando, assim, sua força. A metáfora utilizada mostra que necessitam de trilhos que lhes deem direção. E o professor, é o maquinista, que por meio de uma ação pedagógica possibilita aos educandos condições de canalizarem suas energias para ações que os conduzam a um desenvolvimento mais saudável.

### 2.3 A Família e a Indisciplina Escolar

Os conteúdos da socialização primária, segundo Tedesco (1995), são transmitidos com carga emocional diferente do passado, apresentando crianças também diferentes. E a distinção fundamental é a ampliação dos âmbitos de escolha para as esferas próprias do estilo de vida e da moral, anteriormente centrada na esfera política e econômica.

Percebe-se uma crise na função homogeneização cultural, a família e as instituições escolares, enfrentam o “déficit de socialização”, ou seja, estão perdendo a capacidade para transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social. Coesão social expressa em duas dimensões distintas. Em termos de conteúdos pela aceitação de uma concepção comum de mundo e sociedade. Em termos institucionais, pela incorporação a um sistema que teoricamente seja capaz de abranger a todos. (TEDESCO, 1995, p. 27).

O processo de socialização divide-se basicamente em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária. Na socialização primária, de responsabilidade da família, que corresponde à fase da infância, em que o indivíduo compreende-se como membro da sociedade. Nesta fase não ocorre puramente aprendizagem cognitiva, existe uma carga afetiva na transmissão dos conteúdos, e uma identificação com o mundo da forma como os adultos o apresentam. (TEDESCO, 1995, p. 31).

O Individualismo da atual sociedade enfatiza a autoexpressão, o respeito à liberdade interna, a expansão da personalidade. “O credo de nossa época é que cada pessoa é única, cada pessoa é ou deveria ser livre, cada um de nós tem ou deveria ter o direito de criar sua própria vida, e de fazê-lo por meio de uma escolha livre, aberta e sem restrições” (TEDESCO, 1995, p. 32).

A condição de cada um criar sua própria forma de vida, por suas livres escolhas, leva alguns pais a adotarem diante dos filhos uma postura de abandono da autoridade paterna. Essa possibilidade de escolha traz modificações importantes na vida da família.

A modernização social incorporou a mulher ao mercado de trabalho e reduziu o número de filhos. As crianças, muito pequenas, frequentemente, passam períodos prolongados sem seus pais, diante da televisão, sem ter ajuda para interpretar as mensagens que recebem, ou ainda, estão cada vez mais precocemente encaminhadas a creches, escolas etc. Esse novo quadro colabora

para que o papel socializador da família passe por mudanças expressivas. Os conteúdos de formação básica são transmitidos com uma carga afetiva diferente da do passado.

Os educadores percebem que as crianças, em determinadas situações, chegam à escola sem um quadro de referências básicas e desenvolvem sua escolaridade sem o apoio familiar. Essa falta de apoio familiar produz dissociação entre a família e a escola. Percebe-se que entre a família de hoje e a do final do século XIX há uma grande distância. No entanto, entre a escola de hoje e a escola do final do século XIX não há mudanças muito importantes. Observa-se, no cotidiano escolar, o crescente fracasso na aprendizagem das nossas crianças, a violência e as condutas de marginalidade, a indiferença e a pouca dedicação de esforços ao trabalho escolar. Questões essas que colocam em discussão a autoridade e a legitimidade da mensagem socializadora da escola (SAVATER, 1998).

As mudanças apontadas por Savater (1998) anunciam a necessidade de se construir uma relação de confiança entre a família e a escola, pois a escola tem assumido, por imposição da nova ordem social, a educação dos jovens. A comunicação entre a família e a escola precisa ser mais integrada e operante com menos distorções para atender efetivamente a nova demanda (OUTEIRAL; CERZER, 2003).

O papel da família na educação dos jovens é fundamental. Quando estes chegam à escola, trazem consigo valores que foram estabelecidos pela família ou pelo meio social em que estão inseridos.

Algumas famílias jogaram o peso da responsabilidade de educar os filhos para as escolas. As necessidades provenientes de condições financeiras precárias dos alunos são fatores que interferem diretamente na prática pedagógica. Para alguns professores, os alunos “são na escola” o que “são em casa”. A falta de estrutura familiar, a falta de perspectivas em relação ao futuro, a conjuntura em que estão inseridos, ou seja, o contexto socioeconômico leva os alunos a não estudarem em casa, a não investirem tempo e determinação no processo educativo (LONGAREZZI, 2001).

A falta de limites, de afeto, os problemas emocionais, a ausência de orientação, de restrições no ambiente familiar costumam afetar a personalidade do aluno (LONGAREZZI, 2001).

Muitos pais, tentando não reproduzir o autoritarismo herdado dos pais de gerações anteriores, são mais permissivos, tendo como consequência dificuldade em negociar limites com seus filhos, podem provocar uma explosão de agressividade em casa, que, em seguida, vai manifestar-se na escola. Outra causa que coopera para o aumento da agressividade é a banalização de determinados conteúdos pela mídia, que naturalizam situações de violência (FIAMENGHI JR.; XIMENEZ FILHO, 2001).

## **2.4 A Escola e a Indisciplina Escolar**

As socializações primária e secundária, centradas na família e na escola, enfrentam o problema do enfraquecimento dos eixos básicos segundo os quais são definidas as identidades sociais e pessoais, bem como, a perda de ideais, a ausência de utopia e a falta de sentido.

As transformações sociais provocam mudanças profundas, ocasionando o que foi descrito por Tedesco (1995) como a perda de continuidade histórica. A perda de continuidade histórica e a crise de identidade fazem surgir o fenômeno da falta de sentido e, conseqüentemente, a ausência de perspectivas. As fontes tradicionais de identidade desaparecem e as novas fontes caracterizam-se pela ausência de pontos de referência.

Diante desta realidade, reduz-se o futuro e as perspectivas de trajetórias, individuais e sociais, a um único critério dominante, o critério econômico. A transmissão das identidades culturais, profissionais e políticas são colocadas em termos regressivos. Percebe-se o fortalecimento do imobilismo e gera-se uma forte desconfiança ante qualquer ideia de transformação.

A escola e os educadores inseridos no contexto escolar também sofrem as consequências e, diante dessa crise, precisam construir uma nova identidade, rodeados por incertezas, sem metas claras que indiquem a direção, buscam aperfeiçoamento e vão construindo o caminho sob as concepções que acreditam dar conta da problemática do cotidiano escolar.

Com o passar dos anos, Tedesco (1995) entende que a escola perde sua capacidade socializadora. A massificação da educação, a perda de prestígio dos

docentes e a rigidez dos sistemas educacionais podem se apresentar como fatores internos dessa perda. O dinamismo da sociedade atual, a rapidez da criação de conhecimentos e o aparecimento dos meios de comunicação de massa surgem como agentes externos.

Outro aspecto importante nas mudanças ocorridas nas instituições escolares, na perspectiva de Tedesco (1995), é a falta de distinção entre professor e aluno, situação esta, advinda da crise de autoridade da sociedade contemporânea refletindo-se diretamente no cotidiano escolar.

Esse mesmo autor argumenta que, nas últimas décadas, foram sugeridas inúmeras inovações pedagógicas que, entretanto, não são efetivamente implementadas por uma série de fatores, entre eles destaca-se a equipe de docentes, muitas vezes submetidos a uma carreira burocrática, desmotivados, que não compartilham de um projeto pedagógico comum. Tedesco (1995) salienta que as teorias pedagógicas, em muitos casos, são desvinculadas da realidade de funcionamento das ações escolares, não resolvem os problemas reais das escolas, levando ao empobrecimento da prática pedagógica, que fica submetida aos limites do empirismo. Com isso, nos domínios escolares, os teóricos passaram a ser considerados utópicos e irrealistas e os empiristas desqualificados por não justificarem suas ações, sistematizá-las e difundi-las. O autor acrescenta, ainda, que a formação do professor nas décadas de 1980 e 1990 efetuou-se dentro de duas grandes teorias:

- as provenientes da dimensão econômica da educação, privilegiando o olhar dos planejadores;
- as críticas, que tomaram as relações professor-aluno como de dominação.

Assim, Tedesco (1995) assevera que como a pedagogia não deu conta de explicar e orientar as ações escolares, com isso ficou aberto o caminho para que se destruísse a identidade do profissional docente.

Ao explicar as dificuldades que a escola enfrenta no tocante à autoridade, Tedesco (1995) esclarece que na educação houve a ruptura de dois conceitos centrais do modelo tradicional: a sequencialidade no acesso à informação e a hierarquização das posições sociais às quais se pode chegar.

O rompimento com a sequencialidade decorre das inovações tecnológicas de informação e comunicação. Por exemplo, a televisão põe em circulação a mesma informação para todos. Outro aspecto, na atualidade, diz respeito à necessidade permanente de renovação de conhecimento, provocando alteração nos papéis de professor e de aluno, pois deixa a todos em constante busca pelo novo, abandonando-se velhos conceitos, exigindo-se uma constante busca de aprimoramento.

Segundo Tedesco (1995), acrescenta-se à quebra de sequencialidade, a crescente expansão do sistema educacional e a redução do mercado de trabalho disponível aos seus egressos. Com isso, a caminhada dentro dos diferentes graus escolares não garante a superação dos limites das posições sociais.

A educação e a Escola vivem um momento de perplexidade, sem condições de conciliar as necessidades de uma sociedade em constante mudança e uma proposta educacional que prepare o “homem do futuro”. Na prática, constata-se a realização de um ensino massificado. Os professores, nem sempre, sentem que na dificuldade apresentada pelo aluno está presente a representação da sua dificuldade em ensinar.

Na escola acontece um interjogo de forças inconscientes que se cruzam, se opõem, entram em conflito e se reforçam. Há, na escola, o “currículo manifesto” e o “currículo oculto”, ou seja, aquilo que é expresso, escrito, deixado claro por meio dos documentos, planejamentos, diretrizes e aquilo que verdadeiramente ocorre na sala de aula (OUTEIRAL; CERZER, 2003). Nesse interjogo, há momentos em que a escola parece não ter clareza de seus desafios.

Nas últimas décadas, discute-se a temática relativa à função da escola na sociedade. A função da escola é educar, isto é, conforme o significado etimológico da palavra “colocar para fora” o potencial do indivíduo.

Em algum momento de sua trajetória, a escola foi perdendo seus referenciais como instituição formadora. Formar significa educar para o uso da liberdade responsável, com seus limites e critérios éticos de certo e errado (SILVA; RUIZ; LAZZARIN, 2001).

A instituição escolar necessita redimensionar as suas ações para poder cumprir seus objetivos sociais, não preparar apenas para o mercado de trabalho, mas tendo em mente a formação integral do cidadão. Busca-se, nesta perspectiva, a

autonomia do indivíduo, desenvolvendo a originalidade inovadora, criadora, posicionando-se diante da pluralidade de opções ideológicas, religiosas, sexuais e outras formas diferentes de vida (drogas, televisão, polimorfismo estético...), oferecendo condições para a transformação social (SAVATER, 1998).

Percebe-se que a escola, em determinadas situações, legitima a exclusão social de muitos dos que nela ingressam, sendo que inúmeros alunos apresentam dificuldade de aprendizagem logo no início da escolarização, ou ainda apresentam problemas disciplinares e acabam à margem do processo de escolaridade (PIROLA; FERREIRA, 2007). A seletividade produzida pela escola endossa seu próprio papel como reprodutora do sistema social (BOURDIEU; PASSERON, 1975 apud PIROLA; FERREIRA, 2007).

O atual cenário escolar representa uma história marcada pela homogeneização. A escola pública, controlada pelo Estado, obrigatória, laica e universal, consolida-se como marco importante para a modernidade, justamente pela força disciplinadora, reguladora e civilizatória que exerce (MOLL, 2005 apud PIROLA; FERREIRA; 2007).

A escola precisa construir gradativamente um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos e docentes (TARDIFF, 2000).

As considerações desenvolvidas até este momento permitem visualizar algumas explicações sobre a indisciplina presente no cotidiano da escola. Isso pode servir de possibilidade e não de determinismo, pois, como assegura Freire (1996), no mundo da história, da cultura, da política, constata-se não para se adaptar, mas para mudar. Um saber fundamental deve ser colocado em prática: mudar é difícil, mas é possível. Partindo deste princípio, é que as ações político-pedagógicas da escola precisam ser programadas.

### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

A proposta desta pesquisa foi estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente, sob o olhar dos professores. Desse modo, foram estudados os mecanismos disciplinares presentes na escola, bem como os fatores que interferem no cotidiano escolar e sua relação com a prática docente. O foco de atenção concentrou-se nas implicações que a desorganização provocada pela indisciplina exerce no processo de ensino aprendizagem, sob o olhar dos professores. Desta forma, propôs-se buscar subsídios que possam contribuir para a reflexão sobre a prática docente e a realidade escolar.

A discussão deste tema não é nova, pois a indisciplina sempre foi interessante e polêmica nos meios acadêmicos, continua sendo um assunto relevante, carente de pesquisas que acrescentem novos conhecimentos. Trata-se de um assunto priorizado por muitos educadores.

A indisciplina na escola interfere diretamente no progresso acadêmico de educandos? Este é o problema para o qual se busca a resposta, por meio da pesquisa ora relatada.

#### **3.1 Objetivos**

##### **3.1.1 Objetivo geral**

- Estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente, sob o olhar dos professores.

##### **3.1.2 Objetivos específicos**

- Estudar os mecanismos disciplinares presentes na escola.
- Investigar os possíveis fatores que interferem na disciplina escolar.
- Avaliar o resultado obtido pelos alunos no final do 1º trimestre.

### **3.2 Metodologia**

Para a realização desta dissertação optou-se pela pesquisa qualitativa. Trata-se de uma forma de pesquisa em que o ambiente natural é fonte de dados e o pesquisador torna-se o instrumento fundamental. De acordo com Ludke e André (1986, p. 11), a pesquisa qualitativa “[...] supõe contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada”.

Chizzotti (2003, p. 221) esclarece que “[...] o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

Na mesma perspectiva, Deslandes et al. (1994, p. 21-22) destacam que “[...] a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Nesta modalidade de investigação, o pesquisador envolve-se com o tema estudado, faz observações dos fenômenos, registrando como eles se processam e se relacionam. Na prática, tem-se a coleta, o registro, a organização, a codificação e a análise dos dados. Esse processo requer sistematização para possibilitar que os resultados descrevam a realidade estudada.

### **3.3 Caracterização do Local da Pesquisa**

A pesquisa ocorreu no Colégio Estadual Monteiro Lobato, da cidade de Céu Azul, localizada no oeste do Paraná.

Trata-se de uma escola que atende crianças, adolescentes e adultos, de 5ª a 8ª série, Ensino Médio e Educação Profissional-Formação Docente. Possui salas de Apoio para alunos de 5ª série, nas disciplinas de Português e Matemática, sala de recurso, que atende aos alunos com deficiência mental que frequentam as turmas de 5ª a 8ª séries.

O prédio encontrava-se em reconstrução e o colégio ministrava aulas aos alunos em prédios separados, com atendimento de 5ª e 6ª séries nas

dependências do antigo Colégio Lauro Sodré, as 7ª e 8ª séries no Céu Azul Tênis Clube e o Ensino Médio no Centro Comunitário do Bairro São Lucas, e a distância entre os prédios é de aproximadamente 800 metros.

### **3.4 Sujeitos da Pesquisa**

Participaram da pesquisa duas turmas de 7ª séries do Colégio, totalizando 60 alunos, de 11 a 16 anos, de ambos os sexos, sendo uma das turmas do período da manhã e a outra do período da tarde. Durante os últimos anos, foi esta série que apresentou maior incidência de problemas disciplinares, constatadas nos Conselhos de Classe desenvolvidos pelos professores e também pelas ocorrências registradas pelo estabelecimento em 2009. Decorre, então, disso a escolha deste estudo.

Observou-se, também, a atuação dos 14 professores das respectivas séries.

### **3.5 Procedimentos de Coleta de Dados**

#### **3.5.1 Procedimentos preliminares**

- Solicitação de autorização à Direção Escolar para desenvolver a pesquisa (Apêndice A).
- Assinatura do Termo de consentimento livre esclarecido para professores (Apêndice B).
- Assinatura do Termo de consentimento livre esclarecido para pais/alunos (Apêndice C).

### **3.5.2 Coleta de dados documentais**

Foram objeto de consulta na própria escola, em horários definidos pela Direção, para posterior análise, os seguintes documentos:

- Ficha individual do aluno, que contém o registro de ocorrências simples preenchida pelos professores (Anexo B).
- Ficha individual do aluno – com relato de ocorrência significativa – preenchida pelo aluno (Anexo C).
- Relatório elaborado pelo Conselho de Classe, no qual são descritos os comportamentos inadequados dos alunos.

### **3.5.3 Coleta de dados mediante observação**

Na etapa de observação em sala de aula, foi analisada a conduta dos alunos com relação à disciplina, ou seja, qualquer ato cometido pelo aluno ou pelo professor, contrário ao regimento escolar, que interfira negativamente, direta ou indiretamente, no cotidiano da escola. O registro das observações foi feito no modelo de um relato cursivo (Anexo A)

As observações ocorreram ao longo dos meses de março, abril e maio de 2010, sendo acompanhadas duas aulas por semana em cada uma das salas, com alternância de dias, horários e disciplinas.

## **3.6 Procedimentos de Análise**

Para análise foram definidas seis categorias:

- A falta de responsabilidade com os afazeres escolares.

- Dificuldade no andamento pedagógico das aulas.
- Desinteresse pelo conteúdo ensinado na sala de aula.
- O reflexo da indisciplina no desempenho acadêmico dos estudantes.
- Indisciplina, os currículos escolares e a ação docente.

## **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

Neste segmento encontra-se a apresentação, a análise e a discussão dos dados da pesquisa, à luz de autores que possibilitaram um melhor entendimento dos fenômenos empíricos e alimentaram as reflexões realizadas pela pesquisadora no decorrer da investigação. A análise foi realizada a partir dos dados coletados pelo acompanhamento de aulas, pela leitura dos relatos, feitos pelos professores, contidos nas fichas individuais dos alunos e das anotações advindas do relatório do conselho de classe. Assim, foram estabelecidas as seguintes categorias de análise:

- Falta de responsabilidade dos alunos frente aos afazeres escolares.
- Desinteresse dos alunos pelo conteúdo ensinado em sala de aula.
- Dificuldade sentida pelos professores quanto ao andamento pedagógico no cotidiano escolar.
- Reflexo da indisciplina no desempenho dos estudantes.
- Indisciplina, currículos escolares e a ação docente.

Na sequência, colocar-se-á em foco cada uma das categorias de análise.

### **4.1 Falta de Responsabilidade com os Afazeres Escolares**

Em trabalhos desenvolvidos com crianças e adolescentes, é comum professores se depararem com problemas de indisciplina e de relacionamento e, em consequência, apontarem a falta de responsabilidade com o que é proposto. Segundo a opinião dos professores, a falta de interesse com os estudos é algo preocupante. Cada vez mais são ouvidas reclamações de que os alunos se mostram apáticos no decorrer das atividades desenvolvidas na sala de aula, não se comportam como os professores orientam e revelam falta de compromisso com os afazeres escolares.

Um exemplo é a lição de casa que deixa de ser realizada por grande parte dos alunos. Na perspectiva dos professores, ela precisa ser encarada como aliada da aprendizagem, pois complementa e reforça o conteúdo discutido em sala. No perfil de comportamento escolar apresentado no relatório do conselho de classe das turmas observadas, se evidencia que são poucos os alunos que trazem suas atividades desenvolvidas. A falta de responsabilidade, na perspectiva docente, pode ser exemplificada por meio do relato cursivo de uma turma de 7<sup>a</sup> série, em que a professora cobrava as respostas a questões de interpretação e compreensão gramatical que deveriam ter sido desenvolvidas na aula anterior e finalizadas em casa, em período extra-escolar. Segue-se relatório:

*“No início da aula de Língua Portuguesa, em um dia normal de trabalho escolar, a professora organizou a turma, fez uma oração e solicitou que os alunos não ficassem escorados na parede da sala de aula. Em seguida, pediu que os alunos abrissem os cadernos para que ela pudesse observar se as atividades da última aula tinham sido resolvidas em casa. Constatou-se que, entre os alunos, havia um aluno que mesmo estando na classe na aula anterior não tinha copiado a matéria proposta. Outro deixou de copiar 3 questões e não havia trazido o caderno. Entre eles havia quem esqueceu o caderno na última aula, copiou em folhas, mas não reorganizou seu caderno, e a matéria não estava em ordem. Houve também quem não estava com o caderno, pois havia esquecido na escola no dia anterior e solicitou autorização da professora para procurá-lo com as zeladoras, ou seja, também não tinha a lição organizada. Um dos alunos não tinha a matéria no caderno, não sabia onde havia copiado e ainda alguns alunos haviam apenas copiado as atividades do quadro, mas não tinham resolvido o que foi solicitado. Enquanto a professora conferia o trabalho, um aluno ainda entrou atrasado na aula, pois tratava-se da primeira aula do período matutino. Após a conferência, a professora orientou a turma, dizendo que estava difícil conseguir resultados positivos na turma, que precisavam melhorar, ser mais responsáveis com suas atividades, organizando-se melhor no desenvolvimento das mesmas”.*

Nesse relato, pode-se verificar a desorganização presente no cotidiano escolar, em que os alunos parecem não estar preocupados com suas tarefas, deixando muito do que seria de sua responsabilidade pela metade, não cumprindo com o mínimo exigido para o sucesso escolar, ou seja, para que possam efetivamente apropriar-se do conhecimento sistematizado.

Percebe-se, como colocam Outeiral e Cerezer (2003), que a significação que os pais dão à escola, como veem os estudos dos filhos, interfere de algum modo na relação deles com a escola. O incentivo dos pais ou responsáveis

para que as crianças cumpram a parte que lhes cabe da aprendizagem pode ser importante para que os alunos tenham uma visão positiva com relação à sua escolarização.

Os principais problemas que os professores apontam nas classes são: a irresponsabilidade, as faltas injustificadas às aulas, a conversa excessiva com colegas em momentos inoportunos, a falta de concentração nas atividades que poderiam contribuir para sua aprendizagem. Ainda podem ser acrescentados a estes problemas, a desorganização dos materiais escolares, o esquecimento de cadernos, livros didáticos, material de apoio (lápiz, borracha, cola, tesoura, ou seja, o material de uso diário do aluno).

Antes, porém, faz-se necessário compreender por que isso ocorre nas classes. Não é possível se fazer essa análise sem compreender que nas últimas décadas houve profundas mudanças na sociedade e, conseqüentemente, na escola. Muitos educadores ainda não se deram conta dessas mudanças e permanecem em um saudosismo – a escola do seu tempo, trazendo para o discurso as ideias de limites (restrição, frustração, interdição, proibição etc.) e de objetivos (finalidade, sentido). Como afirma Vasconcellos (1997, p. 231), em seu texto *Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola*, “[...] há uma crise geral de projetos, de sentidos para as coisas, em nível tanto mundial quanto nacional, tanto institucional, tanto ideológico quanto socio-político-cultural”.

Para se discutir a situação que se apresenta, sob a ótica de Vasconcellos (1997), há dois pontos considerados pertinentes: a crise dos limites e a crise dos sentidos. Na escola, a mais difícil crise a ser enfrentada é a absoluta falta de sentido para os estudos por parte dos alunos. Os educadores não podem mais utilizar a frase: “Estudar para ser alguém na vida”, pois constata-se, atualmente, que inúmeras pessoas formadas estão desempregadas ou não possuem uma remuneração condizente com a da sua formação.

Muitos educadores não têm conseguido articular outro sentido para o conhecimento, a escola, o estudo, pois ficaram protegidos em suas contradições por muito tempo, numa relação de parceria com o mercado de trabalho. Como expõe Vasconcellos (1997), essa motivação extrínseca, já não existe mais. Assim, encontra-se diante de um autêntico problema, que não é novo, mas que agora

precisa ser enfrentado. O problema disciplinar na escola é um sinal que precisa ser entendido, decodificado e assumido pela comunidade escolar.

Outra reflexão importante, apontada por Vasconcellos (1997), é referente à crise dos limites que, em parte, decorre de uma cultura baseada no consumo, em que a quebra do limite é fundamental para poder alimentar a lógica do consumismo, e os grandes alvos desta guerra são a criança e o adolescente. Constata-se essa realidade observando-se o número de propagandas que são dirigidas a eles. Cria-se, então, um processo de infantilização; os desejos são satisfeitos sob o fantasma da frustração e dos traumas. Nesse sentido, percebe-se que a família também é vítima do processo, formando-se um círculo vicioso. Após essa reflexão, pode-se perceber a dimensão do problema e que os reflexos dessa realidade são observados na escola.

Levando-se em consideração que os educadores é que conduzem o trabalho pedagógico em sala de aula, percebe-se que existem alguns obstáculos pedagógicos que devem ser superados, para não dificultar a construção de novas perspectivas de ação. Na prática cotidiana, alguns educadores esperam soluções mágicas, que sejam desenvolvidas pelo outro, dando resultado imediato, colocando a solução do problema fora do sujeito, negando o caráter processual de mudança da realidade. Na tentativa de superação dos problemas, alternativas precisam ser buscadas, tendo em vista as variáveis que envolvem a realidade concreta.

Outro obstáculo a ser superado é retratado por uma frase utilizada por muitos: “A aula do professor deve ser interessante”. Na atualidade, com sentido similar, tem-se esta frase: “Todos os problemas serão resolvidos por meio do uso da tecnologia”. Sabe-se que apenas isso não basta.

Nesse contexto, ganha força a sensação de não-poder. Os educadores assimilaram que não têm forças, que não podem, que a solução está fora deles, utilizando isso como autoproteção, esvaziando sua competência profissional e existencial, anulando o poder do professor no enfrentamento à realidade que se apresenta (VASCONCELLOS,1996).

A partir das considerações feitas até agora, chega-se à conclusão de que é necessário possibilitar a compreensão crítica e analítica das situações-limite, a partir da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar no e com o mundo. O educador precisa aprimorar sua leitura do mundo dos alunos com quem trabalha, considerando nas relações político-pedagógicas o saber oriundo

das experiências que cada um traz consigo. Os alunos precisam perceber que existe sintonia entre as palavras que leem e o mundo em que vivem (FREIRE, 1996). Só dessa maneira, podem perceber que a educação faz sentido e ultrapassa os muros da escola interferindo na ordem social.

## 4.2 As Dificuldades no Andamento Pedagógico das Aulas

Como afirma Aquino (1998), a produção e construção do conhecimento são os objetivos principais da ação do professor. O âmbito de sua atuação é essencialmente pedagógico e o núcleo do trabalho é a relação professor-aluno.

Se o objetivo principal do professor é o conhecimento, e a socialização deste conhecimento ocorre pedagógica e efetivamente na relação professor-aluno, então, segundo Aquino (1998), a sala de aula é o contexto privilegiado para o trabalho, o microcosmo concreto, no qual a educação escolar acontece de fato.

Nas turmas observadas, percebeu-se algumas atitudes que convêm serem analisadas. No intervalo das aulas, quando há troca de professores, os alunos caminham de um lado para outro, vão até a porta verificar se o próximo professor já está a caminho, sentam-se fora dos seus lugares de maneira aleatória, conversando excessivamente, jogando bolinhas de papel, fazendo brincadeiras com colegas, muitas delas que remetem a apelidos, situações vexatórias, carregadas de preconceito. Devido a isso, o professor, ao chegar à sala, primeiro precisa fazer com que eles voltem aos seus lugares. Necessita retomar a concentração da classe e chamar a atenção para o que vai propor para a aula daquele dia.

Atestando esse contexto, tem-se as anotações decorrentes do que foi percebido, pela pesquisadora, referindo-se a atitudes de alguns professores ao entrarem em uma classe. A seguir, apresenta-se um registro de observação:

*“Entrando em sala de aula a professora trocou alguns alunos de lugar. Após esta organização solicitou que 2 alunos fossem à biblioteca para apanhar os livros de geografia que são utilizados na aula. Então, pediu aos alunos que não haviam terminado o mapa da aula anterior que realizassem a atividade nesse momento. Aos demais, orientou para abrirem o livro na página 73 e copiarem o texto Índice de Desenvolvimento Humano”.*

Na maioria das vezes, para iniciar as atividades, é necessário que o professor chame a atenção para a ordem física da sala de aula e, em muitas ocasiões, os alunos nem percebem a entrada do professor e precisam ser chamados em particular para que se voltem ao que está sendo solicitado em classe.

Percebe-se, em diversas situações, a falta de retomada do conteúdo, localizando os educandos, para que possam situar-se no conteúdo trabalhado pelo professor e, assim, vejam sentido no que está sendo proposto. Isto pôde ser observado em um dos dias em que a pesquisadora esteve em uma das turmas analisadas.

*“Em princípio, a professora iniciou a aula de História solicitando que se organizasse a sala no aspecto físico. Pediu que arrumassem os espaços das carteiras e iniciou a explicação para a turma sobre o iluminismo. Em alguns momentos, a professora chamou a atenção dos alunos que persistiam na conversa e nas brincadeiras. Ela disse que trabalhariam um pouco no quadro e no caderno. Escreveu no quadro: Luzes na Educação. Nesse momento, alguns alunos conversavam. Além disso, havia na sala muito barulho vindo dos ventiladores, pois estava muito quente, por isso estavam ligados, contribuindo para a poluição sonora da sala. Alguns alunos participavam respondendo às questões feitas pela professora. A mesma prosseguiu passando a matéria no quadro. Houve uma interrupção na sala pela professora regente, dizendo que veio conferir o mapa de sala, pois havia sido definido em aulas passadas e deveria ser seguido por todos. **(O mapa de sala é determinado pelo professor regente de turma, para assegurar que os alunos que têm maiores problemas de indisciplina não permaneçam juntos e inviabilizem o trabalho pedagógico do professor)** Alguns alunos estavam passando bilhete, desviando-se do encaminhamento do professor, arrancando folhas do caderno. Durante a leitura do texto, falou-se sobre a criação da lâmpada, sugerindo-se o trabalho sobre a evolução da lâmpada. **(Em aulas posteriores este conteúdo não foi retomado pela professora, perdendo-se uma oportunidade de leitura de curiosidades, por parte da turma, do tema desenvolvido)**. Alguns alunos estavam debruçados na carteira, apresentando-se muito distraídos na sala. Outros alunos conversando o tempo todo, em desatenção à aula da professora. Ao sinal, a professora despediu-se da turma”.*

A prática pedagógica precisa ser estudada e analisada com a finalidade de avaliar o trabalho proposto para que se busquem alternativas de superação das dificuldades. O professor, em muitas práticas, como na descrita acima, não se mostra aberto a inovações, como pesquisador de sua prática, mas sim, parece assumir o papel de mero repetidor de conteúdos, fazendo-se rotineiro, apoiando-se no senso comum, contradizendo o discurso que utiliza. O desafio

consiste em que o professor tenha coerência social e profissional e isso só é possível ouvindo-se a voz do outro, numa relação dialógica e dialética, sendo esta mediada pela linguagem, dando um novo sentido à sua atividade, resgatando o seu valor social.

O professor, na prática cotidiana, mistura suas vontades, seus gostos, rotinas e comportamento com os quais se identifica, ou seja, tem sua identidade profissional (CASTANHEIRA; REHBERG, 2001). Nesse sentido, precisa estar comprometido com as implicações éticas e morais de suas ações. No desenvolvimento da consciência crítica dos educandos, necessita perceber a natureza dialógica do trabalho docente, devendo perguntar, responder, escutar, concordar, discordar, levando a argumentações que possibilitem a construção de novos sentidos para os envolvidos no processo de ensino aprendizagem, direcionando os participantes a ressignificar e reconstruir suas ações.

Na prática docente, faz-se necessária a reflexão crítica sobre a ação. As reflexões devem distanciar os profissionais da educação de práticas autoritárias e o cotidiano escolar deve vivenciar princípios democráticos, libertários e revolucionários. Construir espaços que propiciem o processo de ensino aprendizagem deve ser o papel fundamental do professor.

Diante da desorganização em que se encontram algumas turmas, em que o professor não se faz ouvir, não consegue fazer cumprir o contrato didático proposto aos alunos, percebe-se a perda da capacidade socializadora da escola, em que a massificação da educação, a perda do prestígio dos docentes e a rigidez dos sistemas educacionais são apontados como causas internas. O dinamismo e a rapidez dos meios de comunicação de massa são apontados como causas externas. No centro, como assevera Tedesco (1995), encontra-se a significativa deterioração do professor como agente de socialização.

Tedesco (1995) alerta que se revela um processo de desaparecimento das distinções entre professor e aluno. A massificação da escola, acompanhada por um processo de perda de significação social das experiências de aprendizagem que nela se realizam, colabora para o desprestígio cada vez maior para as experiências pedagógicas da escola. O desaparecimento da distinção entre professor e aluno faz parte do processo mais global de crise da autoridade na sociedade contemporânea (TEDESCO, 1995).

Esse mesmo autor assegura que inovações, como a “pedagogia ativa”, destinadas a personalizar a educação, ficaram limitadas ao âmbito de experiências isoladas que não conseguiram contaminar o sistema em seu conjunto.

Há situações em que a falta de ordem, de disciplina adequada e de planejamento por parte dos educadores, empobrece a prática pedagógica. Mas o que é, de fato, a disciplina? O conceito varia de acordo com a situação, com o tipo de aula e, até mesmo, com o perfil do professor. A disciplina está associada à metodologia, ao conteúdo e, inclusive, às relações interpessoais.

Observando-se as ocorrências presentes na ficha individual dos alunos das turmas verificadas, nesta pesquisa, pôde-se constatar que existem situações que dificultam o andamento da aula, em que o professor sente-se impossibilitado de resolver as questões frente à turma, então, retira o aluno da classe. E, nesse momento, tem-se a mediação do diretor ou do pedagogo. É preciso fazer com que os alunos e os professores entendam a extensão dos danos que causam atitudes que não levam o outro em consideração, no caso, as demais pessoas que compõem a turma. É importante que nesses momentos ocorram reflexões sobre a prática escolar, não apenas contendo ou punindo as desavenças, mas que essas reflexões levem à busca de alternativas que resolvam os problemas nas situações-limite.

No cotidiano da escola observada, professores exigem a presença dos pais, para que os alunos possam voltar a assistir suas aulas, pois consideram que não há comprometimento dos alunos. Por isso, é necessário o diálogo de todos os participantes do processo, para que juntos encontrem alternativas para superar as dificuldades apresentadas na sala de aula. Uma prática recomendável é a conversa reunindo o aluno, o professor da sala, a equipe de apoio (pedagogo e direção), juntamente com demais professores, em que será exposto o problema ocorrido e todos têm direito de explicitar o que sentem em relação ao fato e às demais situações que possam ser relacionadas, buscando-se alternativas para viabilizar o trabalho pedagógico da classe, sendo que tudo o que é discutido e definido é registrado na ficha individual do aluno para que possa servir de parâmetro para futuras ocorrências.

Há situações em que o aluno é deixado em outro ambiente, com trabalhos propostos pelo professor ou pela equipe de apoio, quando não é possível trabalhar com esse aluno em sala de aula, pois, segundo o professor, além de não fazer o que é de sua responsabilidade, ainda inviabiliza o trabalho dos demais colegas.

A escola precisa formar seres humanos preparados para a vida. Nessa perspectiva, destaca-se a sugestão da pesquisadora Telma Pileggi Vinha, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a qual propõe “[...] que os adultos deixem de inventar regras para conter os problemas, mas ajudem crianças e adolescentes a ver a extensão do dano que são capazes de causar, colocando frente a frente agressor e agredido” (VINHA, 2009). É frutífero perceber que o conflito pode ser construtivo. A busca de equilíbrio é o que move as ações na escola. Assim, os educadores poderiam transformar as chamadas situações-limite em oportunidades para aprendizagens.

É importante afirmar que o professor, não raras vezes, sofre com a sensação de estar sendo desrespeitado, diante de um ato percebido como de indisciplina, achando que já fez tudo que poderia ser feito e revela dificuldade para o diálogo. Esse quadro, quando não bem trabalhado, gera mal-estar e insegurança.

A escola, diante desse quadro, possui duas alternativas: punir ou educar. Nesses momentos, quando se escolhe a punição, estão presentes as filmadoras, as grades, a criação de novas regras, que são estratégias de contenção, de resolução rápida dos problemas. Quando a escola opta pela educação, busca-se a aprendizagem do que é certo ou errado, preparando os alunos para as relações interpessoais. Faz-se urgente que as instituições educativas preparem pessoas que saibam debater, argumentar, que consigam identificar perspectivas diferentes sem se sentirem ameaçadas.

Levando em consideração que a missão da escola é formar pessoas aptas para o autogoverno, que sejam regidas por mecanismos de autorregulação internos, ela não pode abrir mão dos princípios de justiça, de diálogo, de respeito.

Há muito que se fazer na escola. O professor nem sempre está preparado para lidar com os conflitos, com a indisciplina, e vê-se, com muita frequência, lidando com problemas dessa natureza. Portanto, a escola inteira precisa estar envolvida. A gestão escolar deve ser democrática, para que o educador faça uma gestão dos conflitos mais democrática, na busca constante pela autonomia dos alunos.

Outra questão que não pode ser deixada à parte da discussão é a preservação da autoridade, entendida aqui como essencial no processo educativo. O aluno precisa reconhecer a autoridade no professor, seja pelo seu conhecimento científico seja pelo conhecimento ético, para construir uma relação na qual a dialogicidade e o respeito os auxiliem a chegarem às causas dos conflitos e, desse

modo, as soluções devem representar princípios de justiça. Os conflitos são naturais nas relações educativas.

Segundo o psicólogo Lino de Macedo, uma das características importantes do professor para conseguir disciplina é a equanimidade. “Ele precisa respeitar as diferenças, mas tratar a todos de modo justo” (MACEDO, 2005, p. 151). Esse é um ponto-chave para o professor estabelecer a ordem na classe e efetivar o cumprimento do contrato didático proposto.

A disciplina, ao mesmo tempo, deve ser vista como fim e como meio. É um fim porque permite desenvolver atitudes como concentração, responsabilidade, interesse. Esses elementos viram ferramentas pessoais e de trabalho. Disciplina é também um meio, um instrumento sem o qual as coisas não acontecem ou acontecem fora do prazo e dos níveis desejados e isso precisa ser analisado pelos educadores comprometidos com sua ação pedagógica. O aluno precisa estar motivado e o planejamento do trabalho pedagógico é fundamental para o professor conseguir a organização necessária para o desenvolvimento de suas ações (ECCHELI, 2008).

Fomentar e ensinar o uso da razão, a capacidade de observar, abstrair, deduzir, argumentar e concluir logicamente está no cerne da educação humanista e cabe ao professor propor esse tipo de ensino. O que se observa em algumas classes é que o professor não consegue sequer ser ouvido pela sua turma, então como propor aos alunos essa dimensão de ensino?

Primeiramente, requer-se que o professor consiga alcançar uma prática docente que faça de sua aula algo significativo para os alunos, para que, gradativamente, potencialize nos educandos a capacidade de perguntar, indagar, duvidar, dando-lhes a dimensão narrativa que engloba e totaliza os conhecimentos trabalhados.

Savater, em *O valor de educar*, faz uma explanação a respeito do professor pedante, sobre a qual convém trazer à discussão neste momento do trabalho, pois descreve a prática pedagógica por muitos professores no cotidiano:

O pedantismo coloca o conhecimento próprio acima da necessidade docente de comunicá-lo, prefere os trejeitos intimidatórios da sabedoria à humanidade apaciente e gradual que a transmite, concentra-se minuciosamente nas formalidades acadêmicas – que na maior das hipóteses só são rotinas úteis para quem já sabe – ao passo que menospreza o estímulo cordial das tentativas às vezes desordenadas do neófito. É pedantismo confundir, deslumbrar ou inspirar obsequiosidade reverente para com a tarefa de instruir, de informar ou até de animar o

aprendizado. O pedante não abre os olhos de quase ninguém, mas faz saltar os de alguns. Tudo isso, por que não, com boa intenção e sempre com suficiência autocomplacente. (SAVATER, 1998, p. 145). O professor que quer ensinar uma matéria deve começar por suscitar o desejo de aprendê-la: como os pedantes consideram tal desejo obrigatório, só conseguem ensinar alguma coisa a quem efetivamente sente de antemão esse interesse, nunca tão comum como costumam imaginar. Para despertar a curiosidade dos alunos é preciso estimulá-la com algum incentivo muito substancial, talvez anedótico ou aparentemente trivial; é preciso ser capaz de se colocar no lugar dos que são apaixonados por qualquer coisa menos pela matéria cujo estudo está se iniciando. (SAVATER, 1998, p. 146).

O pedante dirige-se a seus alunos como se estivesse apresentando um comunicado diante de um congresso de seus colegas mais distintos e rigorosos, todos com anos de dedicação à disciplina de seus desvelos. No entanto, como a maioria dos jovens não mostra o devido entusiasmo nem a compreensão requerida, ele os despreza e os maliz. (SAVATER, 1998, p. 147).

“Antes de despertar das melhores realizações intelectuais é preciso aprender a desfrutar intelectualmente” (SAVATER, 1998, p. 149).

O trabalho docente precisa compreender o chamado aluno-problema como porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula, sem a idealização de um perfil de aluno, precisa ser fiel ao contrato pedagógico, experimentando novas estratégias de trabalho. Nesse contexto, dois valores básicos devem presidir a ação do profissional da educação: a competência e o comprometimento profissional.

Freire (1996) salienta que o professor precisa levar a sério sua formação, estudar continuamente, esforçar-se para estar à altura de sua tarefa, a fim de ter força moral para coordenar as atividades de sua classe.

Quando a autoridade docente e a liberdade dos alunos se assumem eticamente, o clima de respeito nasce das relações justas, sérias, humildes, generosas, autenticando o caráter formador do espaço pedagógico (FREIRE, 1996). As intervenções devem promover a reflexão sobre as ações que ocorrem, sobre os sentimentos envolvidos e sobre a necessidade de princípios e de normas para se viver bem. As oportunidades para favorecer a construção da autorregulação precisam ser intensificadas nas práticas escolares, pois são necessárias à moralidade autônoma e, em consequência, à vivência numa sociedade democrática.

Um desafio importante da educação é formar pessoas que tomem decisões, exponham seus pontos de vista, ouçam perspectivas diferentes das suas sem que se sintam ameaçadas, discutam sentimentos e que coordenem perspectivas de ações efetivas. Os grupos cooperativos definidos por Eccheli (2008), como já afirmado anteriormente, podem ser uma alternativa.

Os modelos de educação contribuem para que os alunos aprendam a se relacionar de forma mais respeitosa. Esses modelos necessitam desenvolver a capacidade de expressar perspectivas não violentas e sim cooperativas. Nessa perspectiva, a escola precisa realizar uma séria revisão interna, e transformar-se. Os alunos necessitam vivenciar experiências de vida social para aprender a viver em grupo, tendo oportunidade de discutir seus problemas, de compreender a necessidade das regras para o bem-estar de todos, como algo que organiza as relações e auxilia a convivência.

### **4.3 Desinteresse do Aluno pelo Conteúdo Ensinado na Sala de Aula**

Sabe-se que, muitas vezes, há professores que se queixam de desinteresse pelo conteúdo que é ensinado na sala de aula. De onde vem essa falta de interesse do jovem? Os alunos precisam compreender o significado de estudar. Qual o papel desse conteúdo para sua vida? Eles precisam significar algo. Para que o educando possa dar à prática educativa a atenção necessária para a busca da sua autonomia, o conteúdo precisa fazer sentido para ele.

A escola existe para promover a ascensão social dos educandos? Para prepará-los para o mundo do trabalho? Como poderá realizar esse papel efetivamente? Precisa prepará-los para o vestibular? Será que tem essa condição? Ou a escola precisa formar para a cidadania? O que significa isso exatamente: “formar para a cidadania”? Todas essas indagações não podem ser respondidas somente no âmbito idealista, mas é relevante questionar, em cada uma das respostas apresentadas, qual grupo social esta resposta contempla (VASCONCELLOS, 2001a).

Pensando a função da escola como a instituição que tem responsabilidade na formação do homem novo e da nova sociedade, tendo esse homem novo a capacidade de autodeterminação, toda ação do professor, da escola e da família deveria favorecer o autogoverno. O que está ocorrendo é que tanto o professor, quanto a escola e a família estão com seus autogovernos indefinidos, ficando o aluno desorientado também (VASCONCELLOS, 2001a).

Observou-se a existência de educandos, das turmas participantes da presente pesquisa, que levam para o cotidiano escolar a apatia, muitas vezes intransponível, e isso pode ser percebido no relato de uma aula, durante a qual o aluno permanece uma aula inteira sem realizar o que é proposto. As anotações a seguir foram colhidas em uma das turmas observadas:

*“A professora entrou na classe fez a chamada. Precisou organizar a classe, solicitando que ficassem em silêncio. Em seguida, distribuiu os livros didáticos, pedindo que continuassem a leitura individual do capítulo 06 (Aparelho Respiratório) e respondessem às questões da página 79, referente ao capítulo. No início da atividade, alguns alunos ainda permaneciam conversando. A professora dirigia-se de forma particular a esses alunos, orientando-os. Ainda assim, eles copiavam as questões, mas continuavam a conversa com mais algumas colegas que estavam sentadas próximas a eles. Alguns alunos mexiam em seus estojos mostrando as canetas que tinham, distraíndo-se um pouco. A maioria dos alunos realizava as atividades propostas pela professora. No decorrer das atividades, a professora atendia individualmente na carteira, observando as dificuldades na execução. Os alunos conversavam entre si sobre a matéria e também sobre outros assuntos. Um deles arremessou uma bola de papel de um lado a outro da sala, às costas da professora. Foi solicitado que apanhasse e colocasse a bolinha no lixo. Faltando 10 minutos para encerrar a aula, a professora constatou que determinado aluno não havia começado a desenvolver os exercícios, demonstrando apatia com relação à aula, então, orientou-o individualmente para que pudesse iniciar os trabalhos. Enquanto se organizavam para o desenvolvimento da atividade, conversava com os colegas que estavam mais próximos. A professora sentou-se à sua mesa e foi observando nos cadernos dos alunos o que foi feito na aula anterior. Em muitos momentos, a aula foi interrompida para pedir silêncio para os alunos. Um dos alunos interrogou a professora como se não estivesse participando da conversa e assim transcorreu-se a aula até que desse o sinal”.*

Relatos, como o apresentado, descrevem a realidade difícil em que se encontram muitas classes. Há alunos que parece não perceberem a importância do ensino, não entendem por que precisam passar horas tomando nota, resolvendo os exercícios ou ainda lendo textos informativos propostos, na maioria das vezes, pelos livros didáticos da disciplina, deixando seus cadernos desorganizados não tendo possibilidade de, posteriormente, utilizá-los para estudos extraescolares que favoreçam a aprendizagem.

Como exposto em momentos anteriores, o professor é quem conduz o trabalho pedagógico da sala de aula e, nas observações feitas, percebeu-se a existência de professores que não demonstram segurança e criatividade no dia a dia

escolar, sendo seletivos e excludentes em suas práticas. As ações pedagógicas observadas em determinadas disciplinas, principalmente História e Matemática, parecem não garantir o aprendizado efetivo. Essa conclusão pode ser verificada nos resultados obtidos pelos alunos ao final do trimestre. Em uma das turmas observadas, 33% dos alunos apresentaram notas abaixo da média na disciplina de História, na outra turma, 31,25%. Os resultados mais preocupantes ocorrem na disciplina de Matemática, na qual 59,37% dos alunos das turmas não atingiram a média mínima.

Exige-se do educador a sensibilidade e a coragem de dizer às crianças aquilo que será feito, expondo-lhes os motivos pelos quais aquele trabalho foi proposto, motivando-as, despertando a curiosidade. Como afirma Winterstein (1992 apud ECHEL, 2008), a indisciplina está diretamente relacionada à falta de motivação. O aluno necessita de um motivo para realizar as ações escolares.

Para o educando é importante perceber que é capaz, que pode vencer desafios e fazer descobertas. Então, cabe ao professor agir com paciência e criatividade para a criança, persistindo, buscando alternativas de despertar seu interesse na realização das tarefas necessárias à sua aprendizagem, ao seu desenvolvimento intelectual (DALLARI; KORCZAK, 1986).

O educando deve compreender que, em algumas circunstâncias, realiza tarefas que não oferecem prazer imediato, mas que podem contribuir para a construção de sua autonomia frente à escolarização e à busca pelo conhecimento. Ele deve compreender que existem tarefas necessárias e que sua efetivação precisa ocorrer.

#### **4.4 O Reflexo da Indisciplina no Desempenho Acadêmico dos Estudantes**

O fracasso escolar é um dos limites à melhoria dos indicadores educacionais. O analfabetismo, a incoerência idade/série, a evasão e a repetência contribuem para a naturalização dos processos de exclusão e marginalidade social. Todas as ações que buscam promover a aprendizagem efetiva dos alunos precisam estar em consonância com a natureza do trabalho pedagógico. Nesse sentido, os profissionais da educação devem receber formação inicial e continuada relativa à

metodologia, planejamento, organização curricular, avaliação e gestão escolar, bem como, é importante a construção da autonomia e a democratização das unidades escolares.

A garantia da inclusão dos alunos no processo educativo se efetiva com uma escola de qualidade, oportunizando condições para que todos tenham acesso ao mundo letrado, aos bens culturais, ao desenvolvimento tecnológico e à cidadania, ou seja, que todos os alunos tenham condições de aprender.

Baseados na afirmação do educador Juan Carlos Tedesco (1995), o formalismo pautado na burocracia está debilitando a autoridade e a legitimidade da mensagem socializadora da escola.

A rigidez da escola não significa que ela continue orientada pelos valores clássicos com a mesma mística e entusiasmo que tinham os educadores do começo do século. Em grande medida, a manutenção dos traços clássicos transformou-se em puro formalismo, baseado em funcionamentos burocráticos que debilitam ainda mais a autoridade e a legitimidade da mensagem socializadora da escola. Os alunos rechaçam essa opção por meio do fracasso na aprendizagem (alunos cada vez mais diferentes que não conseguem aprender os conteúdos de um modelo único), ou mediante a violência e outras condutas de marginalidade social (consumo de drogas, etc), ou então pela indiferença e menor dedicação de esforço ao trabalho propriamente escolar. (TEDESCO, 1995, p. 37).

Nesta perspectiva, programas e ações voltadas para a superação do fracasso escolar se fazem urgentes.

A seção X, do Regimento Escolar do Colégio Estadual Monteiro Lobato, que discorre sobre a Avaliação da Aprendizagem, da Recuperação de Estudos e da Promoção dos discentes do estabelecimento, dispõe que a avaliação é uma prática pedagógica intrínseca ao processo de ensino e aprendizagem, com a função de diagnosticar o nível de apropriação do conhecimento pelo aluno, sendo esta avaliação contínua, cumulativa e processual, devendo refletir o desenvolvimento global do aluno e considerar as características individuais deste no conjunto dos componentes curriculares cursados, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

A avaliação na escola necessita ser realizada em função dos conteúdos curriculares, utilizando métodos e instrumentos diversificados, coerentes com as concepções e finalidades educativas expressas no Projeto Político-Pedagógico da escola. É recomendável disponibilizar ao educando vários instrumentos de avaliação, sendo essencial lembrar que os critérios de avaliação do

aproveitamento escolar precisam ser elaborados em consonância com a organização curricular e descritos no Projeto Político Pedagógico, adotando procedimentos que assegurem o acompanhamento do pleno desenvolvimento do aluno, evitando-se a comparação dos alunos entre si. O resultado da avaliação deve oferecer informações que orientem a reflexão sobre a ação pedagógica, contribuindo para que a escola reorganize conteúdos/instrumentos/métodos de ensino.

Na avaliação do aluno, devem ser considerados os resultados obtidos durante todo o período letivo, num processo contínuo, expressando o seu desenvolvimento escolar, tomado na sua melhor forma. Os resultados das atividades avaliativas devem ser analisados durante o período letivo, pelo aluno e pelo professor, observando os avanços e as necessidades detectadas, para o estabelecimento de novas ações pedagógicas.

Não é, entretanto, o cenário previsto no Regimento Escolar que foi encontrado nas turmas pesquisadas; pois, nos relatórios trazidos ao conselho de classe pelos professores discute-se exaustivamente os resultados quantitativos obtidos pelos alunos, desconsiderando a metodologia aplicada com a turma como objeto de avaliação crítica. Após análise das notas de todos os alunos, verificou-se que 24,80% dos resultados não atingiram a média mínima exigida para a aprovação. A discussão dos conselhos é centrada nas questões disciplinares. Constata-se tal afirmação observando-se a análise diagnóstica da turma:

*GERAL: Turma agitada, conversam bastante, desorganizados, inclusive na parte física da sala, porém melhorou muito depois da reunião com os pais, alunos, professor coordenador e diretora-auxiliar.*

*Alunos que precisam melhorar: Alex, Bruna, Darlan, Douglas, Gilson, Giovana, Giovane, Jardel, Jean, Paulo, Rafael.*

*Alunos que precisam parar de brincar e conversar: Simone, Cleberson e Augusto.*

A recuperação de estudos é outro direito dos alunos, independentemente do nível de apropriação dos conhecimentos básicos, e ela precisa ocorrer de forma permanente e concomitante ao processo ensino aprendizagem, sendo organizada com atividades significativas, por meio de procedimentos didático-metodológicos diversificados. A proposta de recuperação de estudos deveria indicar a área de estudos e os conteúdos da disciplina. O que se constata pelos registros de discussões ocorridas nos conselhos de classes é que

tanto a avaliação quanto a recuperação de estudos merecem ser objeto de revisões constantes, procurando a superação de modelos cristalizados.

Todas as informações e as decisões tomadas na reunião do conselho de classe na escola deveriam ter o propósito de promover ações que interferissem diretamente no processo ensino aprendizagem, oportunizando ao aluno formas diferenciadas de apropriar-se dos conteúdos curriculares. Cabe ressaltar, contudo, que muitas discussões carecem de avanços para o enfrentamento da não-aprendizagem, as reflexões pedagógicas precisariam gerar ações educativas que auxiliassem na superação das dificuldades apontadas.

Após a observação de como está organizado o processo avaliativo da escola pesquisada e como ocorre a sistematização e verificação dos resultados alcançados pelos educandos, cabe analisar como essa dinâmica se efetiva no cotidiano. Para isso, recorrer-se-á à análise do relatório final da Reunião de Conselho de Classe, ocorrida ao final do 1º trimestre, do ano letivo de uma das turmas observadas.

*No início do Conselho de Classe, foram expostas a todos as informações adquiridas pela equipe pedagógica através de reuniões com os professores da turma, visitas em salas e principalmente com informações trazidas pelo professor regente de turma. Neste caso, o relato apresentado descreve uma turma bastante barulhenta, fazendo com que a maioria dos alunos não preste atenção no professor. Havia muita dificuldade em acatar as orientações dos professores, tratando-se uma classe extremamente difícil, desorganizada, irresponsável com os compromissos a serem entregues, e que apresentava descaso com o que o professor falava. Eram arrogantes e indisciplinados.*

*Após a explanação foram definidos alguns encaminhamentos que serviram de base para recuperar os alunos com mais dificuldade, principalmente que possa conter a agitação frenética e o professor possa encaminhar seu trabalho pedagógico com mais eficácia.*

*1) Sugeriu-se fazer reunião específica com os pais de todos os alunos da turma. 2) Propôs-se uma conversa individual com os alunos, sendo que a pedagoga deveria responsabilizar-se pelo trabalho, conscientizando os alunos sobre quais são suas responsabilidades básicas no cotidiano escolar.*

*Um aluno em específico apresentou comportamento inadequado chamando atenção à sua sexualidade e algumas alunas na classe precisam tomar cuidado para não deixar-se influenciar pelo colega.*

*3) Lembrou-se também que como a norma da escola é que todos os alunos usem a camiseta da escola (uniforme), solicitou-se que todos cobrassem os alunos dessa turma, pois a incidência de alunos que não a usavam havia sido muito grande.*

*4) Outra dificuldade apresentada foi a necessidade de trocar os alunos de sala, pois a que eles estavam era muito escura, contribuindo para que o ambiente não fosse propício a aprendizagem.*

5) *Definiu-se pelo coletivo do colegiado que em trinta dias deveria ser feito um novo conselho, para avaliar se as medidas adotadas foram eficazes.*

É importante observarmos, no relatório acima, que as ações ficam centradas em questões disciplinares. Percebe-se uma lacuna no que se refere ao processo de aprendizagem: não há ações pontuais, como o acompanhamento individual dos alunos, para possibilitar que eles avancem na aprendizagem.

Durante o 1º trimestre o professor acompanha diariamente o desenvolvimento escolar, e no Conselho de Classe transcreve as informações na ficha individual do aluno para os pais acompanharem o desenvolvimento do aluno em classe. Este relatório é apresentado juntamente com a nota do aluno. O professor utiliza-se de letras para que seu relatório seja feito de forma prática, conforme descrito abaixo:

*Legenda do perfil do aproveitamento escolar*

- A - Não faz tarefas;*
- B - Não copia matéria/exercícios em sala;*
- C - Conversa/Atrapalha a aula;*
- D - Deficiência de conhecimento/pré-requisito/dificuldade;*
- E - Deixa de fazer provas/trabalhos*
- F - Falta*
- I - Insuficiência (alunos com notas abaixo da média);*
- J - Atinge os objetivos;*
- L - Indisciplinado;*
- N - Desinteressado;*
- M - Não cuida do material de Educação Física;*
- U - Comparece sem uniforme na prática de Educação Física;*
- R - Melhora após a recuperação;*
- S - Sem melhora após a recuperação.*

No perfil de aproveitamento escolar observa-se que existem 14 itens e apenas dois deles fazem menção a qualidades positivas, indicando que a escola tem como foco o trabalho disciplinar, descrevendo com pouca ênfase ações que promovam a autonomia dos alunos.

Ao final do conselho, os dados da turma são sistematizados pela equipe pedagógica a fim de viabilizar o levantamento geral da turma e também individual dos alunos. Assim, essas informações são anotadas na ficha individual do aluno e, em momento oportuno (reunião de pais), podem ser repassadas aos responsáveis dos educandos, para que eles possam orientar melhor seus filhos para a vida acadêmica.

QUADRO 1 - Relatório final do conselho de classe, perfil de aproveitamento escolar e notas atingidas pelos alunos no primeiro trimestre de 2010

Nº	Artes	Cien	EFis	Geog.	Hist.	Port	Mat.	Inglês
01	FICEN 3,0	CI 5,5	UNRFC 6,8	BCFILS 5,0	ACEI 4,0	CLN 5,0	ICABLN 4,5	CILDE 4,6
02	Aluno desistente							
03	J 8,5	J 7,9	CJ 7,5	J 9,7	J 6,2	C 7,6	CB 6,3	CJR 6,6
04	JE 6,5	J 7,5	FRNIU 5,5	DJF 7,5	J 6,0	FAE 4,8	ICB 5,6	CJR 7,2
05	JE 7,0	J 6,6	RU 7,3	CJ 7,5	J 6,7	I 5,5	J 6,3	CIJR 6,5
06	J 7,5	J 7,1	NRU 7,0	J 8,5	J 6,8	J 6,8	J 6,1	JR 6,5
07	J 6,5	JC 6,9	RU 7,1	CIE 5,0	ACEI 4,8	C 5,8	ICB 5,6	CIJR 8,4
08	J 7,0	J 8,1	N 6,9	J 8,6	J 7,0	J 6,6	J 6,4	J 8,6
09	IE 5,5	J 6,8	RN 6,4	J 7,8	AECI 5,0	J 6,7	ICABN 4,0	CJR 7,0
10	Aluno transferido							
11	J 7,6	J 6,9	R 7,1	CJ 7,6	J 6,2	J 7,0	ICAB 5,5	CJR 6,6
12	JE 6,5	J 7,7	J 7,1	JC 8,0	J 7,0	J 6,3	IAB 5,5	CJR 8,0
13	JE 8,5	J 7,0	J 7,1	CJ 9,3	C 6,3	J 6,8	JC 7,5	CJR 8,4
14	Aluno transferido							
15	JCN 6,1	DCN 4,5	R 8,0	CLJ 8,3	ACEIN 4,8	JC 7,8	ICABN 4,2	ICBN 5,5
16	JD 7,1	D 6,0	RN 7,5	DJ 8,3	EID 4,7	NC 5,3	IED 5,5	NCID 3,5
17	J 8,0	C 6,0	N 6,7	CLJ 8,0	J 6,4	C 6,4	JC 6,2	CNJ 6,8
18	JE 6,1	IN 5,6	CR 7,6	BCJ 6,0	AEJ 5,0	J 6,0	ICABN 4,0	CNR 7,1
19	J 8,5	J 8,5	NUC 6,9	CJ 8,6	J 7,5	J 8,5	J 9,0	CJ 8,8
20	Aluno desistente							
21	Aluno transferido							
22	JE 6,7	J 7,4	R 7,1	CJ 7,0	J 6,0	D 5,0	IAB 5,5	DEI 4,5
23	J 7,5	JC 6,9	R 8,5	CJ 8,5	J 7,5	C 7,3	JC 6,7	CLJR 7,2
24	J 7,0	JC 6,8	R 8,2	J 7,2	ACIL 5,0	CNL 5,2	ICABN 4,6	CLJR 6,6
25	FIE 3,0		FEU 0,0	CJF 9,3	FABLI 4,0	F 4,5	F 2,0	ABCDEF 0,0
26	JE 7,5	J 7,7	J 7,6	J 7,2	C 6,6	NA 6,3	IAB 5,6	CNJR 6,4
27	JE 7,4	J 7,0	RUN 6,0	CJ 8,0	CI 4,8	C 6,0	IAB 5,0	CJR 6,2
28	J 6,7	J 8,1	NU 6,7	J 9,3	C 6,2	CN 6,0	JCAB 6,0	CJR 8,0

(continua)

(conclusão)

Nº	Artes	Cien	EFis	Geog.	Hist.	Port	Mat.	Inglês
29	Aluno transferido							
30	FIE 3,0	J 6,9	E 7,9	CLEF 4,5	AENI 4,9	F 4,8	IFNAB 2,0	NLEI 4,6
31	JE 7,8	J 7,6	CUR 9,1	CLJ 7,0	C 6,0	CI 5,0	ICABN 5,5	CJR 7,0
32	J 7,5	J 7,7	J 6,8	J 9,0	J 6,0	J 8,5	J 8,9	JRC 7,9
33	JE 8,0	J 9,0	R 6,8	J 8,0	J 8,0	J 6,8	J 8,7	J 8,1
34	JE 7,5	J 6,4	J 7,5	J 7,5	ACEI 5,0	C 5,5	ICAB 5,6	CNJR 7,7
35	JE 5,0		J 7,5	J 7,8		D 5,0	I 5,0	CI 5,0
36	6,8	6,8	8,0	J 7,0	J 8,6	6,7	I 5,5	9,0

Fonte: Relatório do Conselho de Classe, do primeiro trimestre, entregue pelos professores observados - Colégio Estadual Monteiro Lobato - EFM.

A partir dos dados apresentados, percebe-se que alguns alunos obtiveram resultados que não viabilizam sua progressão escolar, bem como, os alunos com os piores resultados, são os que deixam de cumprir as tarefas básicas da prática educativa. Essa afirmação fica clara quando se analisa o rendimento escolar e as notas atingidas pelos alunos, durante o período do 1º trimestre. Esses dados são trazidos pelos professores e a análise parte dessa perspectiva.

É preciso, também, levar em consideração que a aprendizagem resulta de uma série de fatores, que envolvem o aluno e o seu ambiente escolar, familiar e social. Atitudes positivas, afetuosas com relação à vida escolar ajudam muito na identificação das dificuldades na aprendizagem e na sua conseqüente superação.

A escola pretende, na sua prática diária, formar indivíduos dotados de conhecimentos e habilidades mais amplas e profundas, que sejam capazes de avançar significativamente no conhecimento historicamente produzido, mas muitos alunos ficam à margem dessa possibilidade.

Tedesco (1995) alerta que, na observação de situações escolares, constata-se que muitos educandos não dispõem de aptidões científicas e literárias, de capacidade de julgamento crítico e do domínio básico dos três pilares do saber: a matemática, as ciências e as tecnologias: a cultura humanista e as disciplinas socioeconômicas. Além disso, não sabem comunicar-se fluentemente, não assumem responsabilidades e têm dificuldade enorme de integrar-se no trabalho em equipe.

Nessa perspectiva, avalia-se que, frente ao quadro de indisciplina presente no cotidiano escolar e de práticas pedagógicas muitas vezes pobres, os resultados alcançados pelos alunos revelam que alguns estão aprendendo pouco e que essa defasagem de aprendizagem pode ser reflexo da falta de compromisso discente com os afazeres escolares e, também, da inadequação da prática docente.

Portanto, faz-se necessário que a escola e os educadores trabalhem a responsabilidade e formem alunos comprometidos com as atividades que são importantes para seu desenvolvimento educacional, trabalhando no sentido de construir sua autonomia.

As ações definidas para enfrentamento dos problemas apresentados nas classes não refletem a preocupação dos professores com o processo de ensino aprendizagem, pois não discutem como superar as dificuldades específicas de cada um dos alunos, para que eles possam construir sua própria autonomia em busca da superação das dificuldades.

#### **4.5 A Indisciplina, os Currículos e a Ação Docente**

Os alunos deveriam ter seus interesses contemplados na proposta curricular ou, como afirma Sacristán (2000, p. 45), “[...] se os interesses dos educandos não encontrar reflexo na cultura escolar, eles apresentarão resistência, que se manifestará por meio da desmotivação, indisciplina, confronto, recusa, fuga ao que está sendo proposto”.

A indisciplina manifestada pelos alunos pode estar sinalizando um conjunto de insatisfações no que diz respeito às práticas adotadas pelos professores a partir do currículo oficial. Tais práticas refletem como o currículo é pensado pelos professores e a dificuldade encontrada por eles em administrar os conflitos decorrentes dessas práticas, principalmente na esfera dos relacionamentos e de convivência. (SACRISTÁN, 2000, p. 30).

O currículo necessita estar articulado com as expectativas dos alunos, caso contrário, eles se mostrarão desinteressados pelos conteúdos escolares. Pensando desta forma, a reestruturação curricular é fundamental, bem como a flexibilização dos conteúdos escolares deve ser uma possibilidade presente no

cotidiano escolar, para que as práticas escolares contribuam para a construção da autonomia e aquisição do conhecimento pelos educandos.

Em consonância, Vasconcellos (2009) aponta que o currículo contribui para o processo de desalienação dos sujeitos e que o professor é aquele que mostrará o caminho a seus alunos, busca-se, então, alternativas para uma nova forma de organização social. A escola, estudada teoricamente, pretende formar cidadãos plenos, passando pela tomada de consciência e entende que isso não é tarefa simples, pois o aluno traz consigo marcas culturais, transferidas pelos grupos sociais que frequenta. O professor, em algumas circunstâncias, demonstra um saudosismo à escola do seu tempo, não aplicando práticas pedagógicas que viabilizem a formação do sujeito que se almeja.

A escola deve avançar no processo de desalienação e promover a participação dos sujeitos em práticas de transformação da realidade, assim, estes terão a possibilidade de interagir criticamente, desenvolvendo uma atitude de busca de significado daquilo que estudam e fazem.

Na realidade atual, há a possibilidade de os alunos se posicionarem diante das situações de tensão geradas nas relações de obediência às regras estabelecidas pelo coletivo escolar ou no confronto com as diferenças culturais, sociais, econômicas evidenciadas na escola. A escola avaliada, ainda não está preparada para receber esse novo aluno, com outras demandas e valores. Aquino (1998, p. 57) considera que “[...] a indisciplina seria sintoma de injunção da escola idealizada e gerida por um determinado tipo de sujeito e sendo ocupada por outro”.

Existe uma grande distância entre o que a escola deseja e o que o aluno almeja para sua escolarização, então, é preciso buscar o equilíbrio que atualmente está desconstruído. O professor quer um aluno que respeite suas orientações sem muito questionamento e o aluno resiste ao que lhe é proposto. Há, portanto, um choque de interesses que necessita ser superado. Esse fato é constatado nas reuniões realizadas pelos professores e em conversas individuais com os alunos.

Eis um relato presente na ficha individual do aluno:

*Em 22/04/2010, apontamento dos professores:*

**Português:** *desinteresse, não realização de tarefas, dificuldade nos conteúdos básicos e falta de entrega de trabalho avaliativo.*

**Geografia:** *Conversa em demasia na sala de aula, desinteresse, indisciplina durante as aulas.*

**Inglês:** *Nota abaixo da média.*

**Artes:** *Conversa em demasia durante as aulas.*

Nos apontamentos feitos pelos professores observa-se que estes fazem pouca referência às questões pedagógicas, ou seja, aos pontos nos quais os alunos não dominam os conteúdos e têm dificuldades. O foco é no comportamento, isso pode ser notado nos vários relatos constantes dos documentos dos alunos. A preocupação centra-se na disciplina em sala de aula e não na aprendizagem. Nesse sentido, percebe-se que em algumas situações a escola pode se prestar à legitimação da exclusão social daqueles que nela ingressam e não atingem os escores esperados.

Nessa perspectiva, convém avaliar a relação dos discentes com o currículo que lhes é apresentado no início de sua formação. Há possibilidades de se verificar que se vislumbram dois caminhos, a saber: o currículo, que serve como agente de transformação social; e o caminho que aponta para a insatisfação, para a frustração e para a contestação por parte dos alunos, pois este enfoque está pautado na regulação. Sendo assim, cabe relacionar que as expressões de indisciplina presentes no cotidiano escolar podem estar vinculadas ao segundo enfoque dado ao currículo.

Em outro momento de observação, visualizou-se o seguinte trabalho desenvolvido pela professora de artes:

*“A professora chegou à sala, fez a chamada e dirigiu-se à turma, propondo um trabalho sobre música: Os alunos deveriam escrever um rap, levando em consideração o tema drogas e apresentá-lo aos demais alunos. Dividiu os alunos em grupos e levou-os para o pátio da escola, onde eles podiam conversar mais a vontade e ensaiar a música sem atrapalhar os outros grupos.*

*Todos os alunos trabalhavam em seus grupos, fazendo a sua parte. A professora passava nos grupos e orientava nas dificuldades.*

*Então, os alunos organizaram seus figurinos e entraram na sala onde apresentavam o resultado de seu trabalho aos demais colegas. Em alguns momentos, a professora chamava a atenção dos mais falantes, solicitando atenção ao trabalho dos outros grupos. Todos demonstraram muita criatividade em suas composições. A professora fazia suas considerações às apresentações realizadas. Ao final, incentivou a todos e parabenizou pelo trabalho realizado”.*

Neste exemplo percebe-se que a professora trabalhou a questão social das drogas, envolvendo algo que eles gostam, no caso, o *rap* e aproveitou para trabalhar música. Pôde, dessa forma, discutir com eles situações que ocorrem na sociedade, explicando o conteúdo específico de sua disciplina. Assim, os alunos demonstraram interesse pelo que foi proposto, chegaram ao final da atividade e fizeram sua apresentação aos demais alunos. Esse pode ser o caminho para a busca do equilíbrio tão necessário às práticas pedagógicas.

Nos registros presentes nas fichas individuais dos alunos, notou-se que, em muitas situações-limite, o professor toma algumas atitudes autoritárias, como, por exemplo, retirar o aluno de sala de aula. Práticas como essas devem ser superadas.

Relacionar a indisciplina com a ação docente e analisar a tarefa do educador em sala de aula se faz pertinente diante das observações realizadas. O educador interage com visão crítica e reflexiva, sendo um transformador social. Para isso, necessitará aproximar-se criticamente da realidade que o cerca, analisando-a, ponderando de forma crítica. Nesse sentido, precisa buscar a teoria implícita nas práticas da sociedade. O que permitirá, ao grupo de alunos que o acompanha, uma leitura de mundo que possibilite a esses alunos o descobrimento dos elementos teóricos que brotam da prática (FREIRE; MACEDO, 1994).

Segundo Perrenoud (2002), para ter uma prática reflexiva, o professor precisa ter competências profissionais que oportunizem transformar o ofício docente. No cotidiano da sala de aula, o professor necessita organizar e desenvolver criativamente as situações de aprendizagem, gerenciando a progressão da mesma, envolvendo os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho. É fundamental, nesta relação, que o professor provoque questionamentos. O aluno deverá ser desafiado a buscar respostas, investigar fatos, vencendo as limitações que aparecem. Cabe ao professor orientar de modo preciso, com boa bibliografia, levando os alunos a sentirem segurança no saber do educador.

O professor, ao entrar na sala de aula, deve estar aberto à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições. Precisa ser crítico, inquieto na tarefa de ensinar, opondo-se à concepção bancária de educação. O discurso do professor ganha significado quando é convidativo ao diálogo, precisa instigar no aluno a curiosidade que gera a busca do conhecimento, ou seja, que incita a curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996).

No desenvolvimento de sua função de ensinar, o professor pesquisador encontra barreiras em sua caminhada, diante das quais pode assumir várias atitudes. É importante que, nesse momento, essas barreiras sejam encaradas como obstáculos que precisam ser vencidos, buscando a superação das situações-limite. Esta postura por parte do professor se faz necessária para atingir algo novo, e isso é possível por meio da *práxis*, entendida como ação, ou seja, com reflexão e ação incidindo sobre aquilo que precisa ser transformado.

Para que a educação proposta seja considerada humanista, precisa ser libertadora, não pode caminhar no sentido da manipulação. E seu fundamento básico perpassa pelo aprofundamento da tomada de consciência, em que educador e educando conscientizam-se da sua condição de ser humano, interagindo com os outros homens e se confrontando consigo mesmo e com o mundo, refletindo e transformando a realidade em que está inserido (FREIRE, 1992).

Uma educação humanista exige um professor aberto ao diálogo e atento aos compromissos da docência libertadora. Freire (1992) considera importante que o docente interprete a realidade e os problemas com muita profundidade, para que, desta forma, possa chegar a uma transitividade crítica, discutindo a realidade com princípios causais, testando soluções e dispondo-se a fazer revisões, quando necessário. Na busca pela responsabilidade social e política, o professor precisa despir-se dos preconceitos na análise dos problemas, procurando evitar deformações, sendo receptivo ao novo, usando a prática do diálogo e não da polêmica, fugindo do senso comum, argumentando com segurança acerca das situações apresentadas.

À luz da visão educacional de Paulo Freire e entendendo o ato de ensinar como um processo dialógico, do qual educador e educando participam ativamente, o ato de ensinar é mais do que transmissão de conhecimento, é um momento de criação, de sua própria produção ou construção (FREIRE, 1992).

Cabe aos educandos, orientados pelos professores, estar em constante busca pelo conhecimento. O professor com características democráticas demonstra capacidade crítica, conduz o trabalho pedagógico e sistematiza o processo de aprendizagem, estabelecendo uma relação dialógica com o educando, trabalhando no cotidiano escolar o raciocínio crítico, avaliando a realidade em que está inserido. Sua tarefa vai além da transmissão do conhecimento, pois leva o aluno a pensar de forma reflexiva e crítica com relação aos conteúdos que está aprendendo (FREIRE, 1992).

Para proporcionar amplo debate educativo em sala de aula, o educador é alguém que está em constante formação e atualização, conhece a história do seu país, sua cultura, como ocorrem as relações de poder, de produção, para poder, em meio ao saber específico de sua disciplina, confrontar os conteúdos que ministra com a realidade, contrapondo-se, argumentando sobre assuntos polêmicos. Pode, assim, contribuir para que os educandos não sejam seres passivos, mas que possam interagir ativamente na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, sem tantos extremos, que vão desde o mais indigno da condição humana ao poder que privilegia uma minoria de pessoas. A formação precisa ser encarada como uma experiência permanente (FREIRE, 1987).

Paulo Freire insiste que a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência. Ela significa a rigorosa compreensão da realidade, sendo que isso é essencial para que os educandos entendam-se como parte da sociedade, que reconheçam seu papel na coletividade, que questionem as relações desiguais, a fim de produzir transformações na sociedade (FREIRE, 1987).

A leitura crítica de mundo é outra dimensão importante a ser intensificada, bem como, a compreensão e análise de problemas, incluindo-se aí os referentes à indisciplina. Nessa visão, o professor é um agente da maior aproximação entre as palavras que se lê e o mundo em que se vive, ou seja, romper a “cultura do silêncio”, em que a escola mantém o silêncio a respeito do mundo da experiência e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios (FREIRE, 1982).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na finalização desta dissertação, foi possível chegar a diversas conclusões a respeito dos estudos, do dia a dia escolar, do trabalho docente, do perfil dos alunos, das ações estabelecidas e como elas se efetivam no cotidiano. Confirmaram-se as hipóteses levantadas pelos textos analisados, pela experiência que aponta a importância do meio social e familiar em que se insere a criança para o desenvolvimento de atitudes adequadas na escola. E, principalmente, que a postura reflexiva do professor em sua prática interfere no processo de ensino aprendizagem.

Retomando o objetivo da pesquisa, tem-se: estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente, sob o olhar dos professores. Foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: estudar os mecanismos disciplinares presentes na escola; investigar os possíveis fatores que interferem na disciplina escolar; avaliar o resultado obtido pelos alunos no final do 1º trimestre.

Por meio da análise documental, constatou-se que o Regimento Escolar estabelece normas relativas à disciplina e organização do cotidiano escolar. A existência de situações em que ocorrem atos de indisciplina aponta para a necessidade da releitura dos documentos normativos e que se busque a redefinição de papéis, das responsabilidades e dos direitos de todos. A imposição de regras é algo a ser superado, elas precisam ser construídas coletivamente, promovendo o respeito pelas diferenças. Na gestão democrática a adesão às normas se faz fundamental – esse é um ponto que precisa ser objeto de reflexão.

Quanto a possíveis fatores que interferem na disciplina escolar, constatou-se, nas observações em sala de aula, por exemplo, a falta de liderança e de capacidade de reação do professor, encaminhando, em muitos casos, o aluno tido como indisciplinado para a equipe pedagógica e a direção, a fim de que resolvam problemas que surgiram durante a aula. Essa reação do professor raramente atinge resultados positivos.

Outro objetivo específico da pesquisa foi relacionar as notas obtidas pelos alunos com possíveis registros de indisciplina ou desinteresse. Verificou-se que os alunos de menor rendimento são aqueles que, com frequência, deixam de

fazer lições e se envolvem em ocorrências de indisciplina. Provavelmente, são aqueles que não encontram significado no que está sendo ensinado.

Situações dessa natureza não podem ser entendidas como decorrentes da falta de compromisso da família ou do meio social do aluno, eximindo a escola de responsabilidade. São desafios próprios da ação docente, que exigem criatividade e empenho na busca de inovações, na revisão de conteúdos etc.

O quadro apresentado permitiu algumas reflexões, embasadas nas reflexões de Paulo Freire que, em seu livro *A pedagogia do oprimido*, salienta que é tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo, e quem pensa certo busca seriamente segurança na argumentação, tem disponibilidade ao risco e aceitação do novo. É um desafio dialógico à criticidade do aluno, instigar a curiosidade que busca o conhecimento. Apostar na dialogicidade para alcançar mudanças na realidade é uma alternativa.

Nessa perspectiva, cabe ao educador ver-se como ser único na prática cotidiana, assumindo as responsabilidades próprias da docência como forma de cumprir o seu compromisso social. Contudo, ser reflexivo e agir positivamente frente a situações-limite que se apresentam tornam-se um desafio da prática pedagógica.

O que foi dito até aqui passa pela construção da liberdade, mas não é possível pensar em liberdade sem pensar em disciplina que, por sua vez, demanda autoridade do educador, sempre centrada no diálogo e no respeito. O educador de opção democrática trabalha no sentido de propiciar que o limite seja assumido eticamente. As experiências que motivam a autonomia precisam estar centradas nas ações que possibilitam a decisão e a responsabilidade (FREIRE, 1996).

Vale destacar que os comportamentos considerados impróprios se prendem, também, a aspectos que vão além da sala-de-aula, que interferem negativamente no sentido de se desenvolver uma educação participativa, que oportunize a humanização do trabalho escolar. Porém, isso não pode ser visto como limitador das responsabilidades da comunidade escolar. A conscientização, a postura crítica e participativa dos alunos pode ser entendida como possibilidade de transformação do nível de interação na convivência escolar. Nessa perspectiva, faz-se necessário destacar que a disciplina na sala de aula passa pela postura atenta dos docentes diante das matérias de ensino, pelas orientações em cada atendimento individual. Quando os alunos não encontram significado no que está

sendo estudado abrem-se possibilidades para atos que, muitas vezes, são vistos como de indisciplina.

A pesquisa permitiu relacionar a indisciplina em sala de aula com a ação docente. Há situações no cotidiano escolar que são consideradas como um problema de responsabilidade de toda a comunidade escolar. Talvez a compreensão dos motivos, dos porquês que estão presentes nos discursos empregados na escola, seja a chave para a resolução de conflitos. A responsabilidade, o compromisso, o respeito, o diálogo e a cooperação são fundamentais na mediação educativa.

Foi possível constatar que a busca pela escola mais adequada, depende da emancipação dos alunos para que tenham boa aprendizagem, em que as relações sejam pautadas no respeito às diferenças. O enfrentamento direto, usando repreensões, não se mostra a melhor alternativa para a resolução dos problemas disciplinares. O processo de mediação é fundamental para garantir a liberdade e o respeito, sem autoritarismo.

Os alunos precisam encontrar significado no processo de ensino aprendizagem. E cabe ao professor tornar-se o mediador, aquele que orienta o trabalho, portanto, ele deve atuar com intencionalidade pedagógica. É ele quem media os conflitos, as situações-limite dentro da sala de aula, nesse sentido, deve predominar o respeito, a imparcialidade e a solidariedade. Deve-se lembrar, ainda, que os conflitos ou as situações-limite surgem devido a diversos fatores, tais como: má comunicação, má interpretação, frustração, briga, divergências de opiniões, insatisfação, desentendimentos, impasses, dúvidas, rejeição etc. Assim, as manifestações produzidas no contexto escolar precisam ser contextualizadas, analisadas, compreendidas e trabalhadas dentro da realidade em que estão inseridas.

As discussões sobre as questões de indisciplina precisam superar o senso comum. As pesquisas, as conquistas sociais, perspectivas e momentos de reflexão sobre a prática devem fazer parte do cotidiano escolar. O objetivo é a construção da cidadania e autonomia dos alunos.

Na atual revolução tecnológica, observa-se a dificuldade de compreensão das inúmeras informações disponíveis, bem como, sente-se a necessidade de estabelecer relações num contexto heterogêneo que se confronta com a pressão padronizadora e a incerteza sobre a própria identidade.

Com a eliminação das barreiras espaciais na comunicação, percebe-se o isolamento e a exclusão social. Os alunos, jovens, adolescentes e crianças são expostos, cada vez com mais precocidade, à violência veiculada pelos meios de comunicação. Em determinados momentos, fatos degradantes passam a ser considerados como normais.

As transformações pelas quais a sociedade está passando são fruto da história do homem. Entende-se, na conclusão desta dissertação, que a indisciplina não é gerada somente em resposta às mudanças sociais, culturais e políticas. A disciplina é resultado do processo educativo, a quem cabe buscar a formação do aluno, com conteúdos significativos, respeitando diferenças, atingindo melhoria nas relações interpessoais. A contribuição de Paulo Freire, 1987, p.39, resume a busca a ser perseguida na escola: “Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade”.

No decorrer do processo, na escola onde foi realizada a pesquisa, foi possível aprimorar a discussão acerca do tema, com avanços na prática e nas relações interpessoais, além disso, oportunizou-se o planejamento e a implementação de ações que buscam a superação dos principais conflitos existentes.

O levantamento de dados e a posterior análise e socialização permitiu uma melhor compreensão do problema disciplinar para, conjuntamente, serem projetadas mudanças comportamentais e de relacionamento entre os pares, entre professores e alunos, entre a escola e a comunidade. Vale destacar que, no período de abril de 2009 a novembro de 2010, a escola observada foi reformada e os alunos, funcionários e professores foram divididos em três espaços alternativos. A busca por um espaço do trabalho educativo organizado motivou a todos. Anotações no relatório do conselho de classe apontam essa preocupação por parte dos professores e da maioria dos alunos.

A conclusão desta pesquisa permitiu conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre a temática disciplinar, a busca de bibliografia que viesse ao encontro de princípios em que sempre se acreditou foi muito importante. Em vários momentos, as reflexões se fizeram necessárias. E a quebra de algumas crenças também proporcionou aprendizagem e compreensão de muitas situações presentes nos dados coletados.

Durante a pesquisa, houve momentos difíceis, que exigiram postura crítica sistemática, disciplina intelectual e sensibilidade para compreender os

fenômenos que se apresentaram. E, principalmente, que a professora da escola (eu) não se sobressaísse, impedindo que prevalecesse o olhar da pesquisadora.

Pensar a prática desenvolvida nesta escola, frente aos chamados problemas disciplinares, foi uma oportunidade para assumir uma postura curiosa, que pergunta, indaga e busca. O registro de ideias, algumas vezes confusas, tiveram a orientação precisa de mestres, que com muita determinação, mostraram o caminho a ser seguido, o que possibilitou a finalização e as conclusões ora expressas.

Percebeu-se que muitas questões ainda estão sem resposta, mas podem servir de base para novos trabalhos, pois possibilitam futuras reflexões. Enfim, para finalizar este estudo recorre-se a Paulo Freire (1981, p. 8): “Estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las”.

A educação não pode tudo, mas pode muito, pois proporciona as ferramentas que possibilitam a inquietação, a indagação, a não acomodação. É o caminho para que os educandos sejam conscientes da sua condição de seres humanos, de sua capacidade e de sua força transformadora da realidade. Nesse sentido, o professor e o aluno podem discutir as problemáticas por eles vividas no dia a dia escolar, refletindo sobre o mundo em que estão inseridos, e esta reflexão resulta no engajamento dos indivíduos na luta cotidiana por sua libertação. A opção libertadora permite quebrar as regras e possibilita a assimilação e reflexão crítica dos conteúdos apresentados pela escola (FREIRE, 1987). Essa é a busca da escola estudada.

## REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2. jul./dez. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-25551998000200011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 set. 2008.
- CASTANHEIRA, A. M. P.; REHBERG, L. L. Quando o professor provoca a indisciplina. In: VASCONCELOS, M. L. M. C. **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Intertexto / Mackenzie, 2001. p. 93-108.
- CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.
- DALLARI, D. A.; KORCZAK, J. **O direito da criança ao respeito**. Tradução de Yan Michalski. São Paulo: Summus, 1986.
- DESLANDES, S. F. et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ECCHELI, S. D. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FIAMENGHI JR., G. A.; XIMENEZ FILHO, J. Reflexões sobre a indisciplina e a agressividade na escola atual. In: VASCONCELOS, M. L. M. C. **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Intertexto/Mackenzie, 2001. p. 27-40.
- FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 38. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura de mundo leitura da palavra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

LONGAREZZI, A. M. **Os sentidos da indisciplina na escola: concepções de professores, equipe técnica e alunos de séries iniciais do ensino fundamental**. 2001. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, Araraquara.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógicos**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

OUTEIRAL, J.; CEREZER, C. **O mal estar na escola**. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994. (Original publicado em 1932).

PIROLA, S. M.; FERREIRA, M. C. C. O problema da “indisciplina dos alunos”: um olhar para as práticas pedagógicas cotidianas na perspectiva de formação continuada de professores. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 10, n. 2, p. 81-99, 2007. Disponível em: <[www.uepg.br/olhardeprofessor](http://www.uepg.br/olhardeprofessor)>. Acesso em: 13 set. 2008.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotkiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-102.

SACRISTÁN, J. G. **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVATER, F. **O Valor de educar**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SENOS, J.; DINIZ, T. Auto-estima, resultados escolares e indisciplina. Estudo exploratório numa amostra de adolescentes. **Análise psicológica**, v. 2, n. 16, p. 257-276, 1998. Disponível em: <[www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/](http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/)>. Acesso em: 12 set. 2008.

SILVA, A. M.; RUIZ, A. B.; LAZARRIN, S. Problemas disciplinares mais freqüentes e suas causas: a visão do professor. In: VASCONCELOS, M. L. M. C. (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Mackenzie, 2001. p. 77-91.

TARDIFF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências para a formação docente. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 13, p. 5-24, jan./abr. 2000.

TEDESCO, J. C. **O novo pacto educativo**. São Paulo: Ática, 1995.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Currículo**: A atividade humana como princípio educativo. São Paulo: Libertad, 2009.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 7. ed. São Paulo: Libertad, 1996.

VASCONCELLOS, C. dos S. Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola. **Idéias**, São Paulo, n. 28, p. 227-252, 1997. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p227-252\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2010.

VASCONCELLOS, M. L. M. C. A pesquisa como princípio pedagógico: discutindo a (in)disciplina na escola contemporânea. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2001a. p. 9-26.

VASCONCELLOS, M. L. M. de C. (Org.). **(In)disciplina, escola e contemporaneidade**. São Paulo: Mackenzie, 2001b.

VINHA, P. T. **Autoridade autoritária**. out. 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/autoridade-autoritaria-504466.shtml?page=0>>. Acesso em: 12 out. 2010.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO À DIREÇÃO ESCOLAR

Em 01 de dezembro de 2008.

Senhora Diretora,

Vimos, pelo presente, solicitar a V.S<sup>a</sup>, autorização para desenvolver nosso projeto de pesquisa intitulado: “**Indisciplina e o processo de ensino aprendizagem: questões atuais**”, nesta instituição escolar durante o ano letivo de 2009.

O referido projeto envolverá alunos e professores das 7<sup>a</sup> séries, além de análise de documentos. Os objetivos deste estudo são estritamente acadêmicos, prevendo revisão de literatura já produzida sobre o assunto, identificação das principais causas da indisciplina em sala de aula e levantamento de possíveis ações que podem ser desenvolvidas no interior da instituição para o enfrentamento desta problemática que interfere negativamente no cotidiano escolar e na aprendizagem de nossos educandos.

Certos de contarmos com seu deferimento, antecipadamente agradecemos.

**Prof. Adriano Rodrigues Ruiz**  
Orientador  
Fone: (44)-3228-8556  
E-mail: [arruiz@uol.com.br](mailto:arruiz@uol.com.br)

**Lilianne Blauth Baú**  
Aluna Mestrado Educação  
Fone: (45)-9914-3627/(45)-3266-1122  
E-mail: [liliannebbau@yahoo.com.br](mailto:liliannebbau@yahoo.com.br)

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO / PROFESSOR

Eu, \_\_\_\_\_, RG: \_\_\_\_\_, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa intitulada "Indisciplina e o processo ensino aprendizagem: questões atuais", a ser desenvolvida por Lilianne Blauth Baú, aluna do Curso de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Educação (Nível de Mestrado), pela Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE, de Presidente Prudente, São Paulo. A acadêmica será orientada pelo Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz, docente do Programa.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é revisar a literatura já produzida sobre o assunto e identificar as principais causas da indisciplina em sala de aula e quais as possíveis ações que podem ser desenvolvidas no interior da instituição para o enfrentamento desta problemática que interfere negativamente no cotidiano escolar e na aprendizagem de nossos educandos.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas às pesquisas envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), do Conselho Nacional da Saúde, do Ministério da Saúde.

Minha colaboração será anônima, por meio de entrevista, podendo ser gravada e utilizando-se de qualquer tipo de mídia: Filmagem (áudio e vídeo), gravações (áudio), fotografias (imagem) e relatos cursivos, após a assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados serão organizados somente pela pesquisadora Lilianne Blauth Baú e seu orientador Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado(a), poderei contatar a pesquisadora responsável ou sua orientadora, pelo telefone: (45)-9914-3627 E (43)-3327-3823, ou ainda a Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da UNOESTE, Dra. Rosa Barili/Comitê de ética: (18)3229-2077.

A pesquisadora principal do projeto me ofertou uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse projeto a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Céu Azul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Assinatura do Participante

**Prof. Adriano Rodrigues Ruiz**  
Orientador  
Fone: (44)-3228-8556  
E-mail: [arruiz@uol.com.br](mailto:arruiz@uol.com.br)

**Lilianne Blauth Baú**  
Aluna Mestrado Educação  
Fone: (45)-9914-3627  
E-mail: [liliannebbau@yahoo.com.br](mailto:liliannebbau@yahoo.com.br)

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/PAIS

Eu, (nome do aluno) \_\_\_\_\_ neste ato representado por mim, (pai do aluno) \_\_\_\_\_, residente na cidade de Céu Azul, fui convidado a participar de um estudo denominado “**Indisciplina e o processo de ensino aprendizagem: questões atuais**”, cujos objetivos e justificativas são estudar o fenômeno da indisciplina em sala de aula e sua relação com a ação docente.

Fui orientado de que no referido trabalho meu filho deverá responder a um questionário socioeconômico (escrito) e que será realizado na escola, durante o tempo da aula, previamente agendado com a direção da escola, com os professores e demais alunos. As observações a serem realizadas em classe, poderão ser gravadas e utilizando-se de qualquer tipo de mídia: Filmagem (áudio e vídeo), gravações (áudio), fotografias (imagem) e relatos cursivos.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, é possível esperar alguns benefícios para o meu representado, tais como: Apointamentos que compreendam as questões de indisciplina em sala de aula e na escola, para implementação de projetos que viabilizem condições favoráveis para as relações interpessoais no Colégio Estadual Monteiro Lobato.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que se trata de uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão conhecidos após a sua realização. Assim, alguns apontamentos podem ser feitos, no sentido de possíveis mudanças de condutas.

Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o(a) identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa, não haverá qualquer prejuízo à assistência que vem recebendo.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: 1. Lilianne Blauth Baú, discente, do curso de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) em Educação (Nível de Mestrado); Telefone: 0xx-45-9914-3627; 2. Professor Doutor Adriano Rodrigues Ruiz, da UNOESTE - Universidade do Oeste Paulista, Telefone: 0xx-44-3228-8556. Dra. Rosa Barili, do Comitê de ética: (18)3229-2077.

Estou ciente da assistência assegurada do meu filho durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da pesquisa.

Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autorizo a participação de meu filh...**(nome do sujeito da pesquisa)** na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico a receber ou a pagar, pela participação.

Caso ocorra qualquer dano decorrente da participação no estudo este será reparado, conforme determina a lei.

Céu Azul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

\_\_\_\_\_  
(Assinatura e RG do representante legal do sujeito da pesquisa)

**Prof. Adriano Rodrigues Ruiz**  
Orientador  
Fone: (44)-3228-8556  
E-mail: [arruiz@uol.com.br](mailto:arruiz@uol.com.br)

**Lilianne Blauth Baú**  
Aluna Mestrado Educação  
Fone: (45)-9914-3627  
E-mail: [liliannebbau@yahoo.com.br](mailto:liliannebbau@yahoo.com.br)

# **ANEXOS**



## ANEXO B - PARTICIPAÇÃO DISCIPLINAR - REGISTRO DE OCORRÊNCIA SIGNIFICATIVA – RELATO DO PROFESSOR

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Professor(a): \_\_\_\_\_ Disciplina: \_\_\_\_\_

Informo que o aluno(a) \_\_\_\_\_ no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

foi \_\_\_\_\_ pelas seguintes razões:

- ( ) Porque atrapalhava a atenção dos colegas;
- ( ) Porque interrompia a aula do professor com frases ou palavras inoportunas;
- ( ) Porque se recusou a trabalhar;
- ( ) Por que foi incorreto;
- ( ) Porque estava com objetos alheios a aula;
- ( ) Porque desacatou o professor;
- ( ) Porque apresenta um número excessivo de faltas, que estão prejudicando seu rendimento escolar;
- ( ) Porque apresentou-se a escola sem uniforme escolar;
- ( ) Porque apresentou-se a escola sem uniforme de Educação Física;
- ( ) Deixou de apresentar trabalhos ou tarefas na disciplina de \_\_\_\_\_
- ( ) Porque não trouxe o material, \_\_\_\_\_, na disciplina de \_\_\_\_\_

Outras razões ou observações que o professor considera importantes: \_\_\_\_\_

Inferências:

---



---



---



---



---

- ( ) Considero que o problema foi resolvido.
- ( ) Considero que o professor da turma deveria conversar com o aluno.
- ( ) Considero que a equipe deveria tomar conhecimento.
- ( ) Considero que a família deveria ser comunicada.
- ( ) Considero que o Conselho Escolar deveria ser comunicado.
- ( ) Considero que o Conselho Tutelar deveria ser informado.
- ( ) Considero que a Polícia Militar deveria ser acionada.
- ( ) Considero que \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Professor

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Direção ou Equipe

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Aluno(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura dos pais ou responsáveis

**ANEXO C - PARTICIPAÇÃO DISCIPLINAR “SIMPLES” - REGISTRO DE OCORRÊNCIA SIGNIFICATIVA - RELATO DO ALUNO**

1) Qual foi o problema ocorrido em sala de aula?

---

---

---

---

---

---

---

---

2) Você acha que sua atitude foi correta? Explique muito bem.

---

---

---

---

---

---

---

---

3) Você acha que o professor agiu corretamente com você durante o problema ocorrido na sala de aula?

---

---

---

---

---

---

---

---

4) Escreva refletindo muito sobre quais os procedimentos que você acha que você deve ter a partir de agora:

---

---

---

---

---

---

---

---

5) Você acha que suas atitudes estão fazendo com que você consiga dar conta de aprender os conteúdos em sala de aula? Por quê?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

Assinatura do(a) Aluno(a)